



AÇÃO SOCIAL



Cerca de 800 projetos de extensão realizados a cada ano na UNESP colaboram na formação dos alunos e beneficiam principalmente os setores mais carentes da população do Estado

Págs. 8 e 9



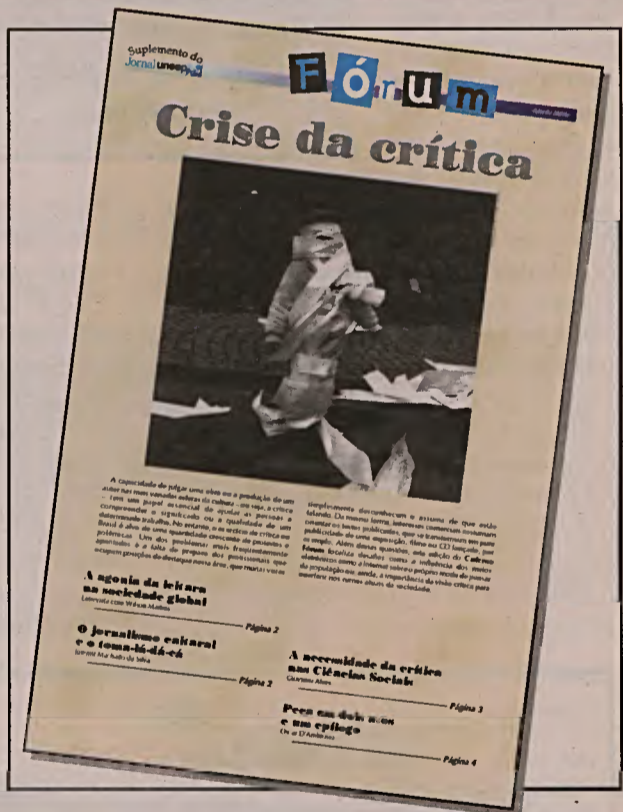
Divulgação



Diálogo com o sertão

Projeto Terra, do baiano Juraci Dórea, ficou conhecido internacionalmente ao exibir esculturas e pinturas em locais significativos da história nordestina

Pág. 16



Espanhol para negócios

Mudança no perfil dos alunos exige que cursos se adaptem a necessidades do setor empresarial

Pág. 4



Divulgação

Um novo titanossauro

Pág. 3

Opção para os dentistas

Colaboração entre UNESP e empresa desenvolve produto cerâmico utilizado para alinhamento dentário

Pág. 7

Gripe aviária: riscos e estratégias de controle

ARIEL ANTONIO MENDES E
IBIARA CORREIA DE LIMA ALMEIDA PAZ



Morte e funeral de Cair, David Allara Siqueiros

A gripe aviária, corretamente denominada influenza aviária, é causada por vírus influenza tipo A. Nas aves, a doença é devastadora, provocando lesões sérias nos sistemas respiratório, digestivo, nervoso e reprodutivo. As aves infectadas apresentam-se com crista e barbelas edemaciadas e ciauóticas, secreções oronasais, focos hemorrágicos nas mucosas e diarreia aquosa, entre outros sintomas. As aves silvestres são reservatório do vírus e, devido ao hábito migratório de muitas espécies, a disseminação entre aves domésticas pode ser muito rápida, dificultando o controle da doença.

As aves excretam vírus pelas secreções nasais e oculares, fezes e sangue e a contaminação se dá pelo contato com esse material, sendo que não existem evidências da difusão do vírus pela carne. Sabe-se que o calor inativa o vírus e, dessa forma, o cozimento dos alimentos é uma boa forma de prevenção.

Nos seres humanos, até agora, a doença se manifesta como uma infecção pulmonar aguda. Alguns trabalhos científicos recentes demonstram que, como o vírus se localiza na parte mais profunda dos

pulmões, existiria uma dificuldade maior na sua difusão para o ambiente através das vias aéreas superiores. No entanto, em pelo menos dois casos, o vírus foi encontrado também no cérebro das vítimas.

Esse vírus usualmente não infecta humanos. Isso passou a ocorrer após uma mutação genética, com a incorporação de mais duas proteínas. De qualquer modo, até o momento, não ocorreram casos de transmissão do vírus de pessoa para pessoa.

Risco de pandemia

A Organização Mundial de Saúde (OMS) fez vários alertas nos últimos meses sobre o risco de uma pandemia de influenza entre os humanos, partindo da constatação de uma epidemia entre as aves na Ásia e de o vírus H5N1 ter atingido a Europa, levado por aves migratórias aquáticas. Até 1997, quando ocorreu um surto em Hong Kong, supunha-se que, para infectar humanos, o vírus tinha que passar antes pelos suínos, onde sofreria uma adaptação. A partir do que aconteceu naquele país, onde ocorreram dezoito casos em humanos, com seis mortes, verificou-se que houve transmissão direta da ave para pessoas.

Entretanto, para que ocorra uma pandemia, esse vírus terá que sofrer uma modificação dentro de um ser humano, para poder ser transmitido de pessoa para pessoa. Para a OIE (Organização Mundial de Saúde Animal), o risco de pandemia é pequeno, uma vez que o vírus H5N1 está presente na Ásia há vários anos, tendo afetado milhões de aves, mas causou apenas 207 casos em humanos, com 103 mortes. A OIE também enfatiza que no Ocidente se pratica uma avicultura

do tipo industrial, com normas de biossegurança mais rígidas e pouco contato das pessoas com as aves. Na Ásia, existe uma avicultura familiar muito presente em vários países, onde, além de alimento, as aves são muito utilizadas como animais domésticos e mesmo mascotes. O Vietnã, por exemplo, possui 7,8 milhões de propriedades rurais com até dez aves e, por isso, registrou o maior número de focos da doença, cerca de 2.300.

No Brasil, na produção em sistema

industrial, as aves são criadas fechadas, e por isso a possibilidade de contato com aves migratórias é bem menor. O mesmo acontecerá em relação ao contato com as pessoas, na eventualidade da ocorrência de surtos de vírus H5N1 entre nós.

Mas é claro que, se o vírus adquirir a capacidade de ser transmitido entre humanos, a possibilidade de alastramento da doença aumenta sobremaneira. Por isso, vários países, inclusive o Brasil, se preparam para a eventualidade de uma pandemia. Ao mesmo tempo, organizações internacionais estão alocando recursos para combater a enfermidade nas aves, prevenindo a ocorrência da doença e eliminando os animais infectados.

O que o Brasil está fazendo

O Brasil, onde nunca foram detectados casos da moléstia em plantéis comerciais, é o segundo produtor e o maior exportador mundial de carne de aves. A entrada do vírus no País pode ter efeitos econômicos devastadores, já que vários elos da cadeia produtiva serão afetados, como o de grãos, produtos veterinários e equipamentos.

Nos últimos cinco anos, o setor produtivo e o Ministério da Agricultura vêm realizando um trabalho de prevenção contra a influenza aviária. Essas medidas envolvem o incremento no controle das importações de material genético, proibição de visitas a granjas e demais instalações avícolas por parte de pessoas provenientes de países de risco, implantação de um

programa de monitoria para pesquisa do vírus nos plantéis comerciais e nas aves migratórias, incineração de resíduos sólidos de navios e aviões em portos e aeroportos, desinfecção rigorosa de containers e implementação de um cuidadoso programa de biossegurança nas granjas, com desinfecção de veículos e equipamentos e uso de roupa e calçados limpos e desinfetados.

Além disso, foram elaborados planos de contingência pelos Ministérios da Agricultura e da Saúde. Esses planos, além de detalhar ações de prevenção e emergenciais, prevêm a compra de vacinas aviárias, fabricação de uma vacina humana pelo Instituto Butantan, compra de medicamentos antivirais e adequação dos laboratórios para detecção precoce do vírus.

Por último, o Ministério da Agricultura deverá publicar nos próximos dias um plano de prevenção que, aliado à criação de um Comitê de Crise, um Comitê Técnico Assessor para Assuntos Relacionados à Influenza Aviária e de um Gease (Grupo de Emergência Sanitária) Nacional, vai aprimorar os mecanismos de atuação das autoridades sanitárias, caso surja uma emergência sanitária.

Ariel Antonio Mendes é professor titular da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da UNESP, campus de Botucatu; **Ibiara Correia de Lima Almeida Paz** é pós-doutoranda do Departamento de Produção e Exploração Animal (DPEA) da FMVZ.

Governo e produtores adotam medidas de prevenção contra doença, que pode ser devastadora para a economia

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
Pró-reitor de Administração: Júlio Cezar Durigan
Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
Secretário-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
Assessoria de Informática: Milton Hirozaku Shimabukuro
Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati
Diretores das Unidades Universitárias: Paulo Roberto Botacin (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araraquara), Rosemary Adriana Chiérici Marcantonio (FO-Araraquara), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Joel Spadaro (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Hélio Borghi (FHDSS-Franca), Tânia

C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Roberval Daiton Vieira (FCAV-Jaboticabal), Tullo Vigevani (FFC-Marília), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Amilton Ferreira (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Johnny Rizzieri Olivieri (Ibilce-São José do Rio Preto), Paulo Villela Santos (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo) e Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente)
Coordenadores executivos das Unidades Diferenciadas: Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), João Lima Santana Neto (Ourinhos), Sérgio Hugo Benez (Registro), Messias Meneguette Junior (Rosana), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ
Governador: Geraldo Alckmin

SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO
Secretário: João Carlos de Souza Meirelles

Jornal unesp

Assessor-chefe: Mauricio Tuffani
Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
Editor: André Louzas
Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella
Programação Visual: J&I Artes Gráficas
Colaboraram nesta edição: Daniel Patire (texto e fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Versão on-line: Paulo Rocha
Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone: (11) 3252-0323. Fax: (11) 3252-0207.

Home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>

Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

Uma nova espécie de titanossauro

Equipe de Rio Claro identificou o *Adamantisaurus mezzalirai*, que teria 5 m de altura e 15 m de comprimento e viveu há cerca de 70 milhões de anos entre São Paulo e Minas Gerais

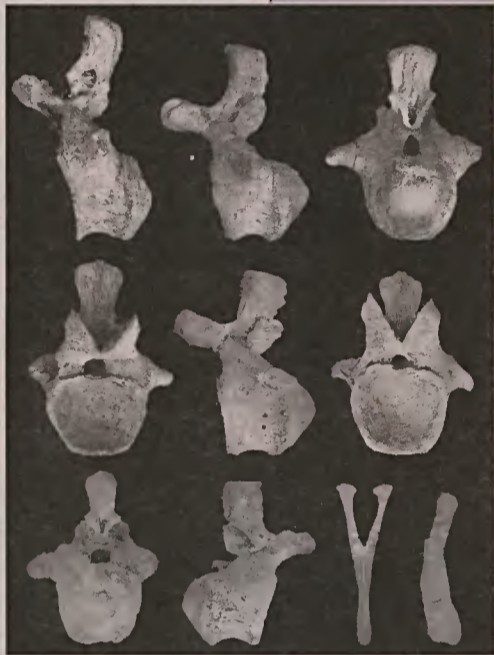
Paleontólogos do *campus* da UNESP de Rio Claro identificaram uma nova espécie de titanossauro, a partir da análise de seis vértebras fossilizadas da cauda do animal. O *Adamantisaurus mezzalirai* teria vivido há 70 milhões de anos, entre São Paulo e Minas Gerais. Dinossauro integrante da infra-ordem dos saurópodes, alimentava-se de plantas e tinha pescoço e cauda longos, altura de 5 m e aproximadamente 15 m de comprimento. Publicado, em janeiro, pela conceituada revista britânica *Palaeontology*, o estudo teve repercussão na imprensa internacional.

As vértebras foram encontradas em 1959, no município de Flórida Paulista, na região oeste do Estado, durante a construção de uma ferrovia. O nome dado à nova espécie é uma homenagem a Sérgio Mezzalira, na época geólogo do Instituto Geológico de São Paulo, o primeiro especialista a ter acesso aos ossos, que apresentam em média 25 cm de altura e 15 cm de comprimento. "Logo após examinar a ossada, Sérgio a identificou como pertencente a um titanossauro", lembra Rodrigo Santucci, um dos pesquisadores que participaram das investigações em Rio Claro e hoje professor na Universidade de Brasília (UnB). "Coube ao nosso grupo compará-la mais detalhadamente com a de outros titanossauros e chegar à nova espécie."

Santucci conta que soube da existência das seis vértebras em 1998. No final do mestrado, em 2002, já tinha certeza de que se tratava de um novo gênero. "Mas apenas em 2003, depois de examinar várias outras espécies descritas, principalmente na Argentina, na Índia e em países da Europa, foi possível concluir o trabalho", conta o docente, que estuda os dinossauros desde sua iniciação científica no curso de Geologia na UNESP. "No Brasil, até hoje, há menos de uma dezena de



Imagens Divulgação



O titanossauro (segundo uma reprodução artística) e as vértebras encontradas em 1959; identificação envolveu estudos comparativos com outros fósseis conhecidos e achados na mesma localidade

dinossauros identificados, descritos e reconhecidos pela comunidade científica", observa.

Processo de datação

Para descobrir a idade da ossada, foi feito um estudo comparativo com outros fósseis conhecidos ou achados na mesma localidade. "Chegamos à idade de 70 milhões de anos pela análise do conjunto de organismos associados à unidade geológica onde foi encontrado o *Adamantisaurus*", explica Reinaldo Bertini, co-autor do artigo publicado na *Palaeontology*. Docente do Departamento de Geologia Aplicada do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Bertini é o coordenador dos estu-

dos de Paleontologia realizados no *campus* de Rio Claro. (*Leia quadro*.) "O peso dessa nova espécie foi calculado a partir da comparação com titanossauros cujo esqueleto está completo", afirma Bertini.

Esses enormes animais herbívoros são conhecidos por terem as vértebras da cauda com articulações de face anterior côncava e posterior convexa, como as analisadas pelos paleontólogos da UNESP. Outra característica dos titanossauros é a grande variação de peso e altura. "O *Argentinosaurus* é o maior animal terrestre de que se tem notícia, com 40 metros de comprimento e peso de 70 t, enquanto o *Magyarosaurus*, encontrado na Romênia, não passava de 6 m de comprimento e pesava 5 t", destaca Santucci. Dois outros estudos de pesquisadores da UNESP sobre achados de dinossauros no Brasil deverão ser publicados ainda este ano em revistas internacionais.

Julio Zanella

Vários estudos, muitas descobertas

Além de dinossauros, equipe estuda fósseis de animais como crocodilos, peixes e tartarugas



Divulgação

Bertini: interesse em seres que viveram no Brasil entre 10 mil e 260 milhões de anos

A identificação do *Adamantisaurus mezzalirai* representou mais uma conquista do grupo de paleontólogos de Rio Claro. Em 1993, a equipe se destacou internacionalmente pela descoberta de um fragmento de crânio fossilizado do primeiro abelissauro encontrado no País. Carnívoros, os abelissauros viveram no Brasil e na Argentina, há mais de 70 milhões de anos, tinham até 3 m de altura, 7 m de comprimento e pesavam cerca de 2,5 t.

Em 1998, a equipe criou o Núcleo de Evolução e Paleobiologia de Vertebrados (NEPV), que investiga animais que viveram no Brasil entre 10 mil e 260 milhões de anos atrás. O enfoque é dado principalmente nos aspectos evolutivos, datação relativa à unidade geológica e na distribuição geográfica das espécies com base na interação animal e rocha.

Em uma outra descoberta inédita, em 1999, os pesquisadores acharam membros de um titanossauro. Entre os fósseis encontrados em um canal nas proximidades de Ribeirão Preto estavam partes de pescoço, costelas, cauda e dentes, além de um fêmur inteiro com 1,60 metro, pesando 100 kg. Ultimamente, o grupo investiga pegadas de dinossauros, mamíferos e terápsidos (répteis ancestrais semelhantes a mamíferos), que viveram no deserto que abrangia a região de Botucatu por volta de 189 milhões de anos atrás.

Trabalhos recentes

Mais recentemente, a equipe tem achado fósseis de espécies não tão grandes como os dinossauros, mas até três vezes mais antigas, como peixes, crocodilos e tartarugas. "São achados que possibilitam várias conclusões sobre evolução, comportamento e distribuição geográfica", afirma Reinaldo Bertini, coordenador das pesquisas, que participou também do achado do mais antigo mamífero fóssil do Brasil, com 70 milhões de anos, em 1988, em projeto da *National Geographic Society*.

A descoberta de peixes fossilizados, com idade de 260 milhões de anos, acaba de ser relatada pelo geólogo Carlos



Reproduções artísticas de um baurussúquio, ancestral do crocodilo, e de um peixe xenacantiforme: dois exemplos das pesquisas realizadas

São Paulo e Minas Gerais há 70 milhões de anos. O mestrando André Piacentini Pinheiro estuda um grupo de crocodilos que habitaram essa região no mesmo período, buscando estabelecer suas relações evolutivas com outras espécies desses répteis.

Laboratório e museu

O NEPV conta com um laboratório de estratigrafia que estuda a seqüência das camadas sedimentares de unidades geológicas, equipado com uma bancada de preparação, provida de brocas e equipamentos utilizados para retirar mecanicamente as rochas sedimentares que envolvem os fósseis.

Ao Núcleo também está ligado o Museu de Paleontologia e Estratigrafia "Prof. Dr. Paulo Milton Barbosa Landim". O museu expõe, em ordem cronológica, fósseis de animais e plantas com idades que chegam a superar 600 milhões de anos, encontrados em várias partes do Brasil. "O objetivo é exibir, ao público leigo, coleções de fósseis e rochas sedimentares de importância científica", informa Bertini. Na área acadêmica, já foram formados um pós-doutor, dois doutores e oito mestres, tendo sido também concluídas treze monografias de graduação. (JZ)



Vieira Toledo em seu doutorado, desenvolvido no IGCE. O material foi encontrado em rochas sedimentares no Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. No Maranhão, a pesquisadora Eliane Pinheiro de Sousa achou peixes com idade de 110 milhões de anos.

A estudante de graduação em Geologia Mirian da Costa Menegazzo investiga ancestrais de tartarugas que viveram em



ENSINO I

Espanhol para negócios

Mudança no perfil dos alunos exige que cursos se adaptem a necessidades do setor empresarial

A elaboração de possibilidades de trabalho pedagógico no ensino da língua espanhola para negócios no Brasil foi o tema da dissertação de Isadora Valencise Gregolin. Uma das principais preocupações da pesquisadora foi apontar a discrepância entre o que se ensina em sala de aula e o que ocorre no mundo real. Para ela, um dos aspectos mais importantes em um curso de língua é ensinar o que de fato interessa aos alunos. “O curso deve trazer soluções significativas para problemas de uso dos aprendizes”, destaca.

Intitulado *Ensino de línguas para fins específicos: particularidades do espanhol para negócios em um contexto empresarial brasileiro*, o trabalho foi apresentado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). O estudo tinha como objetivo verificar uma mudança no perfil dos alunos que buscam um curso de língua estrangeira, dado anterior-

mente levantado por pesquisas de redes brasileiras de escolas de idiomas. “Houve uma diminuição na demanda de jovens”, comenta Isadora. “Se antes a preocupação era com o ensino para crianças e adolescentes, atualmente o mercado de ensino de línguas estrangeiras se voltou para o público adulto, com propostas de cursos para a área profissional.”

A autora enfatiza a importância da abordagem de ensino chamada Comunicativa, que estimula a produção dos alunos na língua estrangeira, ajudando-os a vencer seus bloqueios. Com esse método, o enfoque da relação ensino/aprendizagem é centrado também nas técnicas usadas em sala de aula, não somente no conteúdo.

Demandas dos empresários

Ao entrevistar empresários da cidade paulista de São Carlos, que possui duas universidades públicas (USP e UFSCar) e é considerada a capital nacional da alta tecno-



Imagem produzida com o Photoshop a partir de foto de Daniel Peitre

logia, Isabela percebeu que existe a preocupação com o uso inadequado do “portunhol”, mescla improvisada de português e espanhol.

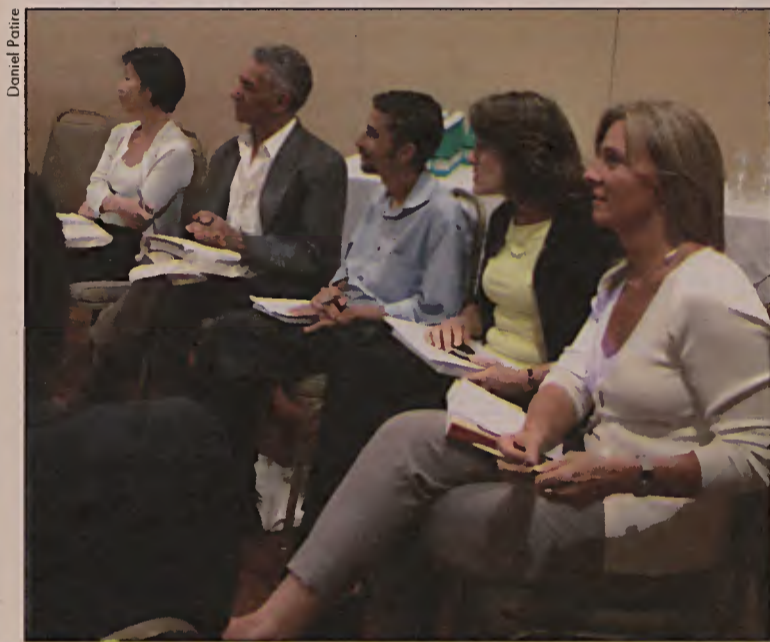
A pesquisadora verificou também que os empresários entrevistados estão interessados nas diversas formas de comunicação, como e-mail, fax e telefone. Alguns temas recorrentes apontados pelos empresários foram “almoço de negócios”, “cultura empresarial”, “importação e exportação”, “mundo digital” e “temas de comércio”. “Com essas informações, é possível atualizar o planejamento de um curso”, comenta.

As unidades de estudo planejadas por Isadora foram elaboradas para atender ao

Plano Curricular do Instituto Cervantes para o nível intermediário, que serve de referência para a elaboração da prova para obtenção do Certificado Básico de Espanhol dos Negócios, concedido pela Câmara de Comércio de Madrid.

“Acima de tudo, verificamos a importância de se proceder a uma análise de necessidades do grupo a ser trabalhado”, afirma a autora da pesquisa, que teve orientação de Ana Mariza Benedetti, docente do Ibilce. “Uma avaliação rápida no primeiro dia de aula por meio de questionário, por exemplo, soluciona o problema da heterogeneidade das turmas que buscam esses cursos.”

Oscar D’Ambrosio



Participantes do encontro: discussão de novos paradigmas de gestão

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Escola de Governança promove evento em SP

Fórum internacional estimulou empreendedorismo entre ex-alunos

No início de março, a Escola de Governança Mario Covas, uma parceria entre a UNESP e a FMC (Fundação Mario Covas), realizou na cidade de São Paulo mais um Fórum Internacional de Troca de Experiências. O tema do evento foi “Empreendedorismo de ex-alunos – os novos líderes para a governança, o desenvolvimento e a competitividade sustentável”.

Participaram do encontro administradores formados na Kennedy School of Government, que serve de modelo para a Escola de Governança; Harvard Club do Brasil; MIT Sloan Club do Brasil; Associação dos ex-alunos

MBA – FIA – USP; ex-alunos da FGV e Ibemec.

Os participantes formaram quatro grupos temáticos. Representantes de Inglaterra, Austrália, China, Brasil, Dinamarca e EUA, todos da Kennedy School, debateram com os participantes os temas “Tecnologia e educação”, “Governança no Terceiro Setor”, “Governança pública” e “Alianças intersetoriais e PPP (Parcerias Público-Privadas)”.

Os principais tópicos dos debates foram apresentados no encerramento do evento. A ideia foi incentivar a mudança de paradigmas de gestão, seja pública, privada ou de movimentos sociais.

ENSINO II

Riscos e oportunidades da globalização

Pesquisa analisa perspectivas da internacionalização da educação superior

O levantamento das perspectivas positivas e negativas da internacionalização do ensino superior foi o tema do trabalho de Daniela Domingues Barbosa, para obtenção do grau de especialista em Negociações Econômicas Internacionais no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas. O programa é oferecido em conjunto pela UNESP, a Unicamp e a PUC-SP.

A pesquisa, intitulada *Internacionalização e o ensino superior brasileiro: impasses e perspectivas*, discorre inicialmente sobre a história, a estrutura e organização e as políticas governamentais no ensino superior do Brasil. Em seguida, discute a educação como fator de desenvolvimento, a internacionalização do ensino superior e o Brasil perante as regras da Organização Mundial de Comércio (OMC) e do General Agreement on Trade in Services (Gats). “Daniela produziu um relatório muito prático para quem deseja se aprofundar no tema e para ‘tomadores de decisão’ que queiram se informar sobre a dimensão do fenômeno da internacionalização do ensino superior”, afirmou Reginaldo Moraes, docente da Unicamp e orientador da pesquisa.



Daniela: Brasil não tem fórum para debater o tema

quanto as oportunidades. “A comercialização da educação superior dá mais importância aos benefícios econômicos do que aos acadêmicos e sociais”, aponta Daniela. “Isso permite que sistemas de ensino público superior ainda em desenvolvimento, como na Costa do Marfim, sejam destruídos pela competição estrangeira. Além disso, a universidade pode perder seu caráter de instituição neu-

O trabalho mostra as propostas dos defensores do Gats, como a Mesa-Redonda Europeia de Industriais, que assegura que, com a internacionalização da educação, as condições do mercado dirigem o preço da educação para baixo e a qualidade para cima. “O argumento é que o mercado promoverá a eficiência e o rápido desenvolvimento do setor”, afirma Daniela, assistente técnica da Assessoria de Relações Externas (Arex) da UNESP.

Para os países pobres, por outro lado, os riscos são tão grandes

tra e autônoma e os objetivos de políticas nacionais de educação correm o risco de ser colocados em segundo plano.”

O grande desafio de cada sistema de ensino nacional, para a pesquisadora, estaria em maximizar as oportunidades de desenvolvimento e minimizar os riscos inerentes à globalização. “O problema do Brasil é a ausência de um fórum único para que as classes acadêmica e política possam debater e se posicionar conjuntamente perante a educação, de modo geral, e a superior, em termos específicos.”



A palavra, do jornal ao livro

Estudo aborda crônicas de José Castello como exemplo de crítica literária feita no campo jornalístico

O convívio entre o jornalismo e a literatura é um processo cheio de desafios, mas tem um papel significativo para a consolidação da cultura na sociedade contemporânea. O diálogo entre os dois campos é o tema da dissertação de mestrado *Relação de interface: jornalismo especializado em literatura no jornalismo periódico*, de Terezinha de Jesus Bellote Chaman, apresentada na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da UNESP, campus de Bauru.

Terezinha estudou o *Caderno 2*, caderno cultural do jornal *O Estado de S. Paulo*, concentrando sua atenção nas críticas do jornalista e escritor José Castello. “Acredito que a leitura crítica dos jornais é indispensável para formar um cidadão, ou seja, um sujeito de sua própria história”, diz Terezinha. A dissertação foi orientada pela professora Neylyse Aparecida Melro Salzedas, da Faac.

A pesquisadora considera ampla e complexa a determinação de barreiras entre jornalismo e literatura, buscando demonstrar a importância dos cadernos de cultura como locais que permitem grande interação com o leitor. “Estudo a fronteira permeável entre jornalismo periódico e literatura sem desprezar as quatro razões de ser do jornalismo: informar, interpretar, orientar e entreter”, afirma.

Orientação do público

O estudo privilegia Castello, que escreveu semanalmente sobre escritores, de 1993 a 2002, no *Caderno 2*, considerando-o um leitor crítico dos autores sobre os quais discorre. “A crítica literária de Castello sobre poesia elabora análises – e não apenas reproduz conteúdos”, diz Terezinha. “Ela revela a potência literária que pode ter um jornalista-escritor, que sobrevive ao momento jornalístico, resistindo à tremenda prova de passar do jornal ao livro.”



Heitor Flor/Agência Estácio

Castello: textos que cativam o leitor e orientam o público

Parte dos escritos do jornalista no período foi publicada em *Melhores crônicas de José Castello* (Editora Global, 2004, com apresentação de Leyla Perrone-Moisés). O autor, para a pesquisadora, toma os textos literários e os

interpreta jornalisticamente, “prendendo o leitor desde a primeira linha”. “Assim, o saber jornalístico e o literário explicam, esclarecem e orientam o público no contato com as produções literárias”, comenta.

Para Terezinha, diferentemente dos cronistas clássicos, que escrevem textos confessionais, calcados na experiência e em circunstâncias de suas vidas, Castello faz desse gênero literário algo maior: rico e ambíguo. “Ele tem plena consciência do meio caminho entre o jornalismo e a literatura que a crônica representa. Sente prazer em jogar com a suposição de verdade que o veículo jornal lhe confere”, afirma.

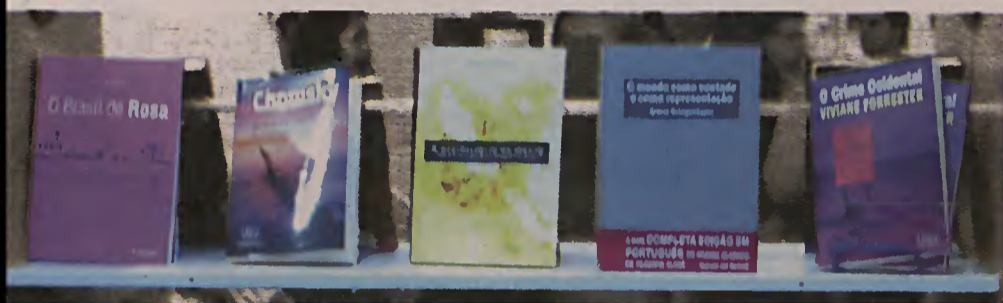
Embate com a palavra

Castello traria, assim, a literatura para o jornal. “Ele não é um improvisador, nem tampouco vive numa torre de marfim, desconhecendo a sensibilidade do público. Não é um juiz austero, nem um jornalista frustrado que toma abrigo num jornal de peso, buscando o elogio ou a verriana”, argumenta.

Terezinha selecionou seis crônicas para uma análise mais detalhada. “Acredito que Castello mostre uma crítica literária/jornalística digna dela mesma, instalada no seio de uma sociedade em crise, entretanto disposta a digerir alguma reflexão, presente nos argumentos inscritos nas entrelinhas do autor”, diz. “O principal é lembrar que o embate vital, tanto dos jornalistas como dos escritores, é com a palavra e suas estratégias discursivas.”

A pesquisa conclui que cabe ao crítico fazer o leitor entrar na dinâmica da cultura. “E isso exige tempo, paciência e reflexão, tripé sobre o qual a sociedade contemporânea desgosta de se apoiar”, acentua Terezinha.

Oscar D’Ambrosio



Estímulo aos jovens leitores

Pesquisa usa contos de Marina Colasanti para aproximar alunos do ensino médio dos textos de ficção

Ao trabalhar com adolescentes, o professor de Literatura do ensino médio enfrenta diversas dificuldades, como a escolha de títulos adequados para atrair seus alunos. Discutir esse processo é a principal preocupação de Marcelo Ganzela Martins de Castro na sua dissertação de mestrado *Marina Colasanti: os arquétipos e a interação leitor-texto*, apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da UNESP, campus de São José do Rio Preto.

Sob a orientação do docente Peter James Harris, o trabalho analisa os dez contos de Marina publicados em *Um espinho de marfim e outras histórias* (L&PM Pocket, 1999) para compreender os elementos da obra da autora que podem motivar o aluno à leitura. “Estudei os temas recorrentes na escritora para entender os processos de interação entre leitor e texto no momento da leitura”, afirma Castro.

A pesquisa busca estabelecer parâmetros para uma “pedagogia literária”, ou seja, uma prática de formação de leitores de literatura. Foi durante a realização de seus estágios de Prática de Ensino de Língua Portuguesa, numa escola pública de São José do Rio Preto, que Castro trabalhou com os contos de Marina. “Observei que os adolescentes do ensino médio se envolveram de maneira mais consistente com os textos dela do que com os de outros autores”, assinala.



Daniel Paire

Flagrante da Bial do Livro: especialista quer maior envolvimento do estudante com a leitura

Para o pesquisador, como atualmente a rapidez da imagem é cada vez mais importante, a extensão e a forma de organização do texto a ser apresentado ao jovem leitor são fundamentais. “Marina Colasanti, ao escrever contos extremamente curtos – normalmente de uma página – e tratar de

maneira clara arquétipos do inconsciente coletivo, como amor e dor, cativa o leitor em formação”, afirma.

Inconsciente coletivo

Marina, segundo Castro, trabalha com o inconsciente coletivo, conceito do psi-

canalista suíço Gustav Jung para explicar por que pessoas de diferentes repertórios consideram familiares determinadas narrativas. “Ao contrário da psique pessoal, o inconsciente coletivo contém padrões de comportamento mais ou menos parecidos em qualquer lugar e em todos os indivíduos”, ressalta. “Essas informações, que podem ser definidas como memórias significativas da raça humana, constituem uma parte da herança de todos nós.”

A escritora, em seus textos, beberia nas fontes das grandes narrativas orais que passaram de geração em geração. “A autora explora as possibilidades de suspense no texto, convencendo o leitor a se entregar ao conto a cada frase lida”, acredita Castro.

A pesquisa não sugere que os professores indiquem apenas a produção de Marina. “Proponho que se trabalhem contos com características similares aos dela, em termos de extensão e de qualidade, e que os professores de Literatura de ensino médio tenham sempre em mente o envolvimento maior dos alunos com a literatura”, diz Castro.

A maior preocupação do pesquisador é iniciar, de maneira instigante, o contato dos jovens com o universo literário. “A partir do encontro do indivíduo com a literatura, o professor pode ajudar a formar um cidadão crítico, criativo e consciente”, conclui. (OD)

HISTÓRIA

Significados do carnaval paulistano

Desfiles, nos anos 1920, eram usados por mulheres e demais foliões para zombar de tradições

Grande manifestação popular do País, o carnaval traduz valores, desejos e contradições que marcam a sociedade brasileira. A historiadora Zélia Lopes da Silva decidiu analisar o imaginário desse evento na sua tese de livre-docência, *Tipos e figuras nos carnavais paulistanos. 1923-1938. Metamorfoses de uma festa*, defendida na Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Assis. A pesquisadora ilumina fenômenos como o uso das fantasias pelas mulheres e demais foliões a fim de transgredir a ordem social, além da relação entre elite e camadas populares na disputa pelo espaço público na capital paulista.

Fotos publicadas em A Cigarra



Grupo fantasiado de presidiários na Avenida Paulista e mulher vestida de cigana: destaque aos personagens marginais

Uma das principais fontes do estudo são as páginas da revista *A Cigarra*, que circulou de 1914 a 1975. Baseada no farto material iconográfico da publicação, a historiadora aponta as transformações femininas para os festejos carnavalescos dos anos 1920. *A Cigarra* mostrava mulheres disfarçadas de princesas, prisioneiras, espanholas. Em muitos casos, as

representações pareciam buscar o rompimento com valores considerados ultrapassados.

Zélia destaca a criatividade das foliões para subverter os rígidos valores morais a elas impostos. “Metaforicamente, elas pretendiam, com riso e humor, transgredir a ordem reinante”,

assinala a historiadora, que também coordena o Cedap (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa) da FCL. (Leia quadro.)

Disputa e diálogo

O estudo também aponta as relações simbólicas mantidas entre os vários setores da sociedade paulistana na manifestação carnavalesca. Zélia enfo-



ca o interesse da imprensa da época pelas festas da elite da capital do Estado, que, por meio dos corsos, ou seja, os desfiles de automóveis, dominava as principais avenidas da cidade. No entanto, os segmentos populares já exerciam sua pressão, para conquistar uma fatia desse espaço público. Ao refletir sobre o significado das fantasias para a elite da metrópole, a historiadora argumenta que os foliões, para provocar o riso, usavam a inversão dos papéis e, também, a zombaria, na busca de diálogo com o público. “Embora os grupos usassem fantasias para com-

por os tipos, o público sabia que se tratava de representantes das famílias endinheiradas”, ressalta Zélia. “Era exatamente aí que residia a graça da transfiguração, uma vez que o personagem escolhido era oposto ao mundo real do sujeito.”

Um dos recursos então utilizados nesse processo eram as fantasias de presidiários e ciganos. O estudo aponta que, quando os integrantes dos setores mais abastados se vestiam de prisioneiros, ironizavam a ideia de autoridade e respeito à ordem. Já as fantasias de ciganos pareciam evocar o despreendimento de uma vida nômade e marcada por fortes paixões. “O cigano representa uma figura marginal, e talvez esteja aí o apelo para ser constantemente tematizado nos carnavais”, esclarece a docente da FCL.

Genira Chagas

Revista chega ao segundo número

Edição de Patrimônio e Memória aborda vários temas

O Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Assis, lançou, no final de 2005, o segundo número da revista eletrônica *Patrimônio e Memória*. A edição traz artigos, comunicações de pesquisas, resenhas e informações sobre a organização de acervos.

Os textos enfocam temas variados, como a disciplina de trabalho na Marinha brasileira nos séculos XVIII e XIX; a visão de um viajante europeu sobre o País no século XIX; a *belle époque* carioca na visão da revista *Fon-Fon*, entre outros. Zélia Lopes da Silva, editora da revista e supervisora do Cedap, também divulga parte de sua pesquisa de livre-docência, com o artigo *As mulheres na imagética carnavalesca na cidade de São Paulo nos anos 1920*. Acesse a edição pelo endereço: www.cedap.assis.unesp.br/pm2/home2.htm



PEDAGOGIA

Nova etapa no ensino de artes

Estudo avalia medida que tornou obrigatória Educação Artística para crianças de até 10 anos no Estado

O ensino de Artes para crianças de até 10 anos de idade ganhou novos rumos a partir da Resolução 184, editada em 2002 pela Secretaria de Estado da Educação (SEE) de São Paulo. De acordo com a medida, que entrou em vigor em 2003, o ensino de Artes e de Educação Física, ministrado por especialistas, passa a ser obrigatório já a partir do I Ciclo da educação básica.

A resolução busca transmitir a educação artística como linguagem não-verbal, capaz de estabelecer uma comunicação, do mesmo modo que a linguagem oral e a escrita. Para a arte-educadora Roseli Cassar Ventrella, autora da dissertação *O ensino de artes no Ciclo I: novos caminhos*, apresentada ao Instituto de Artes (IA), campus de São Paulo, a medida proporcionou uma mudança de conceitos no ensino e aprendizagem de Artes. Roseli, aliás, é coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) da SEE e foi responsável pela implantação da resolução.

A pesquisadora ressalta que atividades relacionadas a cinema, teatro, música e dança não faziam parte do currículo como uma linguagem, com conteúdo e objetivo próprios. Na avaliação do orientador da dissertação, João Cardoso Palma Filho, diretor do IA, essa prática resultava da dificuldade de articulação entre educação, cultura e arte. “O currículo importado de outros ambientes culturais constituía poderoso instrumento de alienação”, enfatiza.

Concluído em 2005, o trabalho avaliou as modificações proporcionadas pela atividade artística nas classes



Aula na rede pública: estímulo à criatividade dos estudantes

de 1ª à 4ª série, em especial entre alunos que começaram o ciclo em 2003. “Esses estudantes seriam a medida para uma avaliação mais completa”, assinala Roseli.

Lançamento de livro

Desde a implementação da resolução, a coordenadora monitorou o andamento das ações em parte das 89 Diretorias de Ensino do Estado. Roseli pôde, então, verificar que o material oferecido pela SEE aos professores era adequado às necessidades da formação artística infantil – embora pudesse ser ampliado.

“O ideal é que todos os educadores de Arte recebam formação para lidar com crianças pequenas e a SEE fique apenas com a tarefa da educação continuada”, comenta. As experiências vivenciadas por educadores e alunos durante a implantação desse projeto serão relatadas no livro *O ensino de Artes nas séries iniciais – Ciclo I*, com coordenação geral de Roseli, a ser lançado ainda neste semestre.

Segundo a pesquisadora, a disciplina de Artes, ensinada de forma articulada com o projeto educacional, estimula a criatividade das crianças de 7 a 10 anos. Por meio da combinação de elementos como percepção, imaginação, repertório cultural e artístico, elas compreendem que é possível ler o mundo e representá-lo de acordo com uma visão particular, pela mobilização de conteúdos como forma, cor, som, gesto, movimento, ritmo, cenário. “Essas aquisições facilitam o aprendizado da escrita e da leitura e melhoram a auto-estima”, diz Roseli. (GC)



ODONTOLOGIA

Parceria gera novo aparelho

Colaboração entre UNESP e empresa desenvolve produto de material cerâmico utilizado para alinhamento dentário

Uma colaboração entre a UNESP e uma empresa da área odontológica gerou um produto inédito no Brasil: o bráquete de material cerâmico, aparelho utilizado em tratamentos para alinhamento dos dentes. O produto foi apresentado no 24º Congresso Internacional de Odontologia de São Paulo, realizado no final do mês de janeiro, na capital paulista.

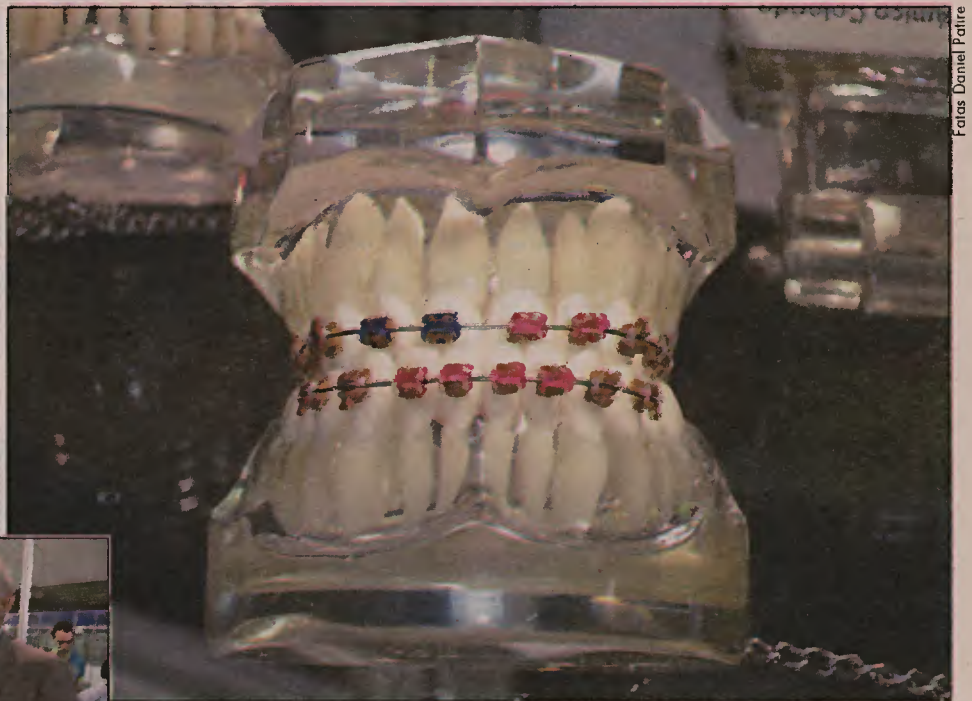
O novo bráquete foi desenvolvido no Laboratório Interdisciplinar de Eletroquímica e Cerâmica (Liec), do Instituto de Química (IQ) da UNESP, campus de Araraquara, em parceria com a empresa Tecnident – Equipamentos Ortodônticos Ltda., de São Carlos.

“Com o desenvolvimento do bráquete cerâmico, o mercado terá a opção de substituir as importações e, com isso, baratear o tratamento dentário”, enfatiza o físico-químico Elson Longo, diretor do Centro Multidisciplinar para o Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos (CMDMC), ao qual o Liec está vinculado. O CMDMC é um dos Centros de Pesquisa, Inovação e



Difusão (Cepids) mantidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Grande parte dos produtos utilizados por profissionais brasileiros, principalmente os itens à base de material cerâmico, como os bráquetes, porcelanas odontológicas, esmaltes e diversos tipos de cimentos e moldes para fundição de precisão, vem do mercado externo, liderado pelos EUA, o Japão e a Alemanha. Em relação aos itens convencionais, esses materiais possuem vantagens como a sua natureza refratária, por exemplo,



O bráquete e os responsáveis pelo desenvolvimento do aparelho (da esq. para a dir.): o empresário Dâmico Neto, da Tecnident, o pesquisador Longo e o pró-reitor de Pesquisa da UNESP José Arana Varela

que os leva a suportar bem mudanças de temperatura.

Economia e conforto

Além de contribuir com uma diminuição nos custos dos tratamentos, os novos bráquetes podem oferecer mais conforto aos usuários, já que não aquecem nem conduzem eletricidade como os aparelhos feitos de metal. Em termos estéticos, a principal diferença é a possibilidade de produção de peças coloridas, sem oferecer riscos de contaminação para o usuário.

O projeto conta com a colaboração do professor Carlos Alberto Paskocimas, da Universidade Federal do Rio Grande do

Norte; Cristiane Vila, doutoranda do IQ; Renilso Russignoli, técnico em processamento cerâmico do Liec; e do ortodontista Toshio Ueta Nabaro.

A Tecnident Equipamentos Ortodônticos, dirigida pelo engenheiro José Dâmico Neto, é especializada em desenvolver e fabricar produtos com tecnologia nacional. Os principais são bráquetes de ligas metálicas especiais, policarbonatos e compósitos, acessórios de poliuretano, bandas de ligas metálicas, fios tensores e outros acessórios. A empresa, atualmente, distribui seus produtos para alguns países da América Latina, Europa, EUA, Ásia, Oriente Médio e África do Sul.

Julio Zanella e Daniel Patire

ANATOMIA

Os riscos do piercing para a saúde da boca

Adereço que virou moda entre jovens causa problemas como quebra de dentes, insensibilidade, infecções e doenças

Um estudo realizado na Faculdade de Odontologia (FO), campus da UNESP de Araraquara, aponta os riscos enfrentados pelas pessoas que perfuram línguas e lábios com piercings. De acordo com o trabalho, esse adereço costuma dificultar a fala e a mastigação, pode fraturar dentes ou então quebrar o seu esmalte, além de desencadear vários outros problemas, como infecções e doenças.



A pesquisa bibliográfica foi feita pela quartanista Camila Maria Bullio Fragelli, orientada pela professora de Anatomia Ana Maria Minarelli Gaspar. A docente ressalta que o piercing é um fator de agressão constante na região da boca, que apresenta uma grande quantidade de vasos sanguíneos e terminais nervosos.

O usuário do piercing pode perder a sensibilidade na área onde o adereço se fixa, além de ficar exposto a ferimentos provocados por alimentos quentes. Em pessoas com restaurações de amálgama, é possível que se produza na boca uma corrente galvânica, semelhante a pequenos choques, gerando sensibilidade nos demais dentes. “Isso sem contar o risco de a pessoa engolir a jóia, caso ela não esteja bem fixada”, enfatiza a docente.

Infecções e doenças

Há ainda outros perigos. Ana Maria comenta que esses adereços normalmente são feitos de metal – prata, ouro e

aço inoxidável – e, se o material não for de boa qualidade, pode originar uma reação alérgica. “Quanto pior a qualidade do metal, maior a chance de uma reação”, adverte.

A docente enfatiza que, apesar de geralmente não terem formação nas áreas médica e odontológica, os profissionais que colocam os piercings costumam tomar determinados cuidados. “Eles tentam respeitar as estruturas da língua e perfuram na linha média desse órgão”, diz a docente, acrescentando, porém, que essa precaução não evita possíveis danos a ramos de nervos e vasos.

Também é grande a probabilidade de a pessoa contrair infecções, como hepatite tipo B e Aids, em lugares de higiene e esterilização precárias. A falta de cuidados predispõe a região da boca a focos infecciosos. As bactérias podem se propagar até outros órgãos do corpo, como, por exemplo, o endocárdio – a membrana que envolve o coração – e ocasionar uma endocardite, inflamação com conseqüências muito graves.

A docente ressalta, finalmente, que o uso do piercing na região oral constitui um trauma constante, embora de baixa intensidade. “Todo trauma crônico é passível de provocar um câncer, podendo haver maiores danos quando o paciente for fumante, estressado e ingerir bebidas alcoólicas com frequência”, enfatiza.

Genira Chagas



Aparelho usado pela equipe: análises de materiais

FÍSICA

Grupo pesquisa usos do plasma

Material é usado na obtenção de produtos médicos e industriais

O Grupo de Plasma e Materiais (GPM), coordenado pelo físico Nilson Cristino da Cruz, da Unidade Diferenciada da UNESP de Sorocaba, realiza várias linhas de estudo com o plasma – o quarto estado da matéria. O objetivo das pesquisas é a modificação das características de determinados materiais.

Uma das linhas trata a superfície de produtos de uso médico, com a finalidade de torná-los biocompatíveis, ou seja, evitar sua rejeição pelo organismo humano. “Podemos tratar a matéria plástica de uma sonda, por exemplo, para que ela aumente seu tempo de uso, sem provocar infecções”, diz o físico José Roberto Ribeiro Bortoleto, membro do grupo. Além do tratamento a plasma de materiais metálicos e poliméricos, o grupo estuda também a modificação da molhabilidade, ou seja, o aumento ou diminuição da absorção de líquidos por uma superfície.

Outra linha de pesquisa do grupo focaliza a modificação da superfície de materiais através de seu recobrimento com filmes finos. Variando-se as condições de excitação do plasma, podem-se obter, por exemplo, camadas isolantes ou condutoras para fabricação de dispositivos eletrônicos e filmes para aplicações ópticas e biomédicas. Em parceria com o docente Sandro Mancini, do curso de Engenharia Ambiental, o grupo também pretende estudar a aplicação de plasmas na reciclagem de plásticos.

Heloisa Garcia da Mota, Bolsista UNESP/Sorocaba.

Em benefício da sociedade

A cada ano, a UNESP implementa cerca de 800 projetos de extensão. Além de colaborar na formação profissional dos alunos da Universidade, essas iniciativas beneficiam diversos setores da população, como catadores de material reciclável, habitantes de conjuntos habitacionais e favelas, integrantes de assentamentos rurais, portadores de necessidades especiais e estudantes da rede pública

JULIO ZANELLA

Filha de catadores, desde os 5 anos Kátia dos Santos Silva percorria as ruas de Ourinhos, revirando latões de lixo. Aos 20 anos, em 2004, ela entrou para a associação de trabalhadores criada por iniciativa de alunos e docentes do *campus* local da UNESP. Hoje, recebendo salário e assistência social, sustenta a casa e seus dois irmãos mais novos.

A mudança na vida de Kátia é o resultado de um dos cerca de 800 projetos de extensão desenvolvidos por ano na UNESP, que ajudam a melhorar a vida de populações carentes e excluídas. Além de auxiliar a formação profissional dos alunos, esses projetos buscam soluções para questões como moradias populares, cooperativas e associação de trabalhadores, orientação técnica para pequenos agricultores e inserção social de portadores de necessidades especiais.

“Não basta às universidades focar a formação profissional e a pesquisa, sem a preocupação com a busca de soluções para os problemas das populações menos favorecidas”, diz a pró-reitora de Extensão, Maria Amélia Máximo de Araújo. No ano passado, Maria Amélia presidiu o 3º Congresso de Extensão, que enfatizou a inclusão social e reuniu 250 trabalhos. “Procuramos dar ênfase a projetos de prestação de serviços gratuitos e que contemplem as dificuldades de quem sofre com a fome, a falta de moradia decente, de saúde e, é claro, de educação de qualidade”, acentua a pró-reitora.

Em melhores condições

No projeto de Ourinhos, docentes e alunos auxiliaram na criação e administração da associação de 54 trabalhadores. “Antes, o trabalho era feito em péssimas condições de higiene e com baixa remuneração”, lembra a geógrafa Lirian Melchior, uma das coordenadoras do projeto. “Hoje, eles trabalham de forma coletiva, o que possibilita maior poder de negociação na venda do material selecionado, criando uma alternativa de emprego e renda”, completa.

“Com a ajuda do pessoal da UNESP, aprendemos a tomar decisões administrativas e até compramos um caminhão para a coleta”, diz Matilde da Silva, de 22 anos, presidente da Associação. No mesmo projeto, para aumentar a adesão da população à coleta seletiva, um grupo de estudantes de Geografia desenvolve um programa de conscientização ambiental em 17 escolas públicas da cidade.

Uma iniciativa semelhante está sendo implantada pela UNESP de Presidente Prudente. Em uma parceria da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), prefeitura e outras entidades, foi inaugurado, no ano passado, o barracão da cooperativa de 26 trabalhadores, equipado com prensa, esteira, computadores, vestiário, escritório, refeitório e cozinha.

“Antes, eles ficavam no lixão o dia inteiro, sem ter ao menos um local para



1 - As catadoras Kátia e Matilde, beneficiadas pelo projeto de Ourinhos; 2 - Seleção de material reciclado em cooperativa de Marília; 3 - Atendimento ao público do Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Habitação de Interesse Social, em Bauru; 4 - Reunião do Centro Jurídico Social do *campus* de Franca; 5 e 6 - Produção de maracujá-amarelo por associação de produtores rurais, em Bauru; 7 - Atividade com crianças no projeto Ludibus, de Marília; 8 - Análise realizada em laboratório do Ceatox, em Botucatu



lavar as mãos”, afirma o geógrafo Antônio Cezar Leal, coordenador do projeto. “Nas novas instalações, o material reciclável é separado, prensado e vendido para sucateiros que fazem a revenda para a indústria”, completa. Dividido entre os associados, o lucro mensal varia de 1 a 2 salários mínimos.

Em Marília, por meio de uma cooperativa criada pelo professor Alcides Leão, da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA), *campus* de Botucatu, 56 trabalhadores chegaram a faturar salários de R\$ 700,00 com a venda do material reciclado. “Eles recebem três refeições diárias, escola para os filhos, assistência social e psicológica”, afirma Leão. “Com o que eu ganho aqui dá para sustentar sozinho os meus três filhos e até já comprei uma casinha”, diz Gicelma dos Santos, uma das associadas da cooperativa.

Apoio a assentados

Em Bauru, docentes e alunos da Faculdade de Ciências (FC) colaboraram na criação, em 2003, de uma associação de 30 pequenos produtores rurais assentados da região. A equipe ajudou na escolha do plantio do maracujá-amarelo, do sistema de produção e orientação para a comercialização da colheita.

“O maracujá-amarelo se mostrou uma boa opção de renda para os produtores porque apresenta curto ciclo de produção e baixo valor de investimento”, diz Aloísio Costa Sampaio, biólogo e autor do projeto. Sampaio acredita que a iniciativa poderá servir como modelo no Estado. “Os assentados apresentam limitações em relação ao acesso à tecnologia de produção em fruticultura e a informações de apoio institucional para comercialização”, explica.

Com parceria da Agência Paulista de

Tecnologia em Agronegócios (Apta), Universidade Sagrado Coração (USC), prefeitura e Sebrae, o projeto propiciou ainda que a cooperativa adquirisse um classificador mecânico de frutos, linha de processamento de polpa, empilhadeira e câmara fria. Para a comercialização, foi criada a empresa Bauru Frutas. Hoje, boa parte da produção é vendida no Ceasa da cidade e em supermercados. Os frutos não comercializados se transformam em polpa para suco.

Projetos para moradias

Para melhorar a qualidade das moradias de núcleos populares, desde 2001, um grupo de 31 alunos de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), *campus* de Bauru, realiza projetos para reforma e ampliação de casas. Eles são orientados pelas docentes Silvana Apare-

cida Alves e Renata Cardoso Magagnin, do Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Habitação de Interesse Social (ArqHab).

“As casas de muitos núcleos habitacionais não atendem às necessidades básicas das famílias, o que faz com que os próprios moradores efetuem as reformas, sem a devida qualidade de habitabilidade, funcionalidade e conforto”, explica Silvana. Desde março de 2002, 30 famílias receberam plantas arquitetônicas feitas pela equipe. “Não fosse a burocracia e os limites financeiros do poder público, teríamos atendido um número bem maior de pessoas”, acredita a docente.

O ArqHab também elabora projetos arquitetônicos diferenciados para moradores da favela do Jardim Ivone. Nesse caso, o sistema construtivo, a especificação de materiais de construção, a quantificação e o orçamento da obra para cada família foram propostos por alunos da Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia de Bauru (Feb).

Pesquisa de preços

Ações de caráter social também podem utilizar o arsenal das Ciências Econômicas. Por meio da pesquisa mensal de até 120 itens da cesta básica — que inclui produtos de maior consumo da população —, estudantes do *campi* de Ilha Solteira, Tupã e Botucatu contribuem para aumentar a competitividade entre os supermercados, mantendo e, em alguns casos, redu-

zindo os preços de algumas mercadorias. As planilhas com a cotação de cada estabelecimento são divulgadas em jornais e por meio de panfletos em escolas, supermercados e na prefeitura.

“Desde 1994, os preços em nosso município aumentaram em 109%, ou seja, menos que os 119% de inflação do período”, lembra Maria Aparecida Tarcitano, docente da Faculdade de Engenharia (FE) em Ilha Solteira e coordenadora da pesquisa. “O nosso trabalho ajuda na estabilidade de preços, principalmente, no varejo”, argumenta Elias José Simon, agrônomo da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) que coordena o levantamento em Botucatu e na Unidade Diferenciada de Tupã.

Diversos projetos estão voltados para a melhoria da qualidade de ensino em escolas públicas de regiões pobres. Um deles é o Ludibus, idealizado por docentes da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), *campus* de Marília. Trata-se de um ônibus cheio de brinquedos, livros infantis e jogos destinados a alunos do Ensino Infantil e Fundamental, que percorre os bairros carentes da cidade, tendo recebido, desde 1998, cerca de 2 mil crianças. “Queremos sensibilizar professores e estudantes de Pedagogia para a importância das atividades lúdicas na formação integral do aluno”, explica a docente Ana Cordeiro, que coordena o projeto.

Auxílio jurídico

Outra forma valiosa de apoio aos mais necessitados é a assistência jurídica gratuita. Criado para permitir a atividade prática dos estudantes, o Centro Jurídico Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), *campus* de Franca, já beneficiou 30 mil pessoas, desde 1990. O centro é o único na cidade que presta assistência judiciária gratuita na área previdenciária. “Prestamos ainda atendimento em casos de separação judicial, investigação de paternidade, pensão alimentícia, aposentadoria, pensões, casos de furtos, roubos e porte de entorpecentes”, observa o professor Roberto Corona, que supervisiona as atividades do Centro.

Entre os serviços mais solicitados está

Atenção a portadores de necessidades especiais

Os portadores de deficiências físicas e visuais também são alvo dos projetos sociais desenvolvidos por docentes e alunos da UNESP. No *campus* de Bauru, a formação dos futuros arquitetos se preocupa com a criação de projetos arquitetônicos que levem em conta as dificuldades vividas por essas pessoas. “O conceito de acessibilidade, por exemplo, deve constar em todo tipo de edificação e espaço urbano”, diz a arquiteta e docente do ArqHab, Renata Cardoso Magagnin.

O conceito foi aplicado no projeto arquitetônico do novo centro de reabilitação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), elaborado por alunos dos cursos de Arquitetura e Engenharia Civil do *campus*. Em fase de construção, o prédio possui ginásio esportivo, auditório e receberá 300 pacientes por dia, além de 400 alunos, 111 funcionários e diversos usuários que apresentam deficiências motoras.

Para a integração social dos portadores de necessidades especiais, docentes e alunos do curso de Educação Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), em Presidente Prudente, implementam desde 1999 um programa de prática de basquetebol e atletismo, para um grupo de 20 pessoas. “Esse grupo é treinado em diversas habilidades, capacidade motora, condicionamento físico, força muscular, agilidade, domínio da



Treino com lançamento de dardo e a equipe de basquetebol: esporte como meio de inclusão social

bola, aprendizado e manobra da cadeira esportiva”, esclarece Paulo Roberto Brancatti, docente e responsável pelas atividades. “Tratamos também de atitudes e comportamentos, articulando o esporte como meio de inclusão social”, afirma.

Na área pedagógica, um grupo de docentes e estudantes do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) criou maquetes informatizadas para o ensino de Geografia e Cartografia para alunos com deficiências auditivas e visuais de uma escola de Araras (SP). Na FCT/Presidente Prudente, também com o auxílio da informática, 140 portadores de deficiências físicas e mentais já foram alfabetizados no Núcleo de Educação Corporativa (NEC), pelo projeto Ambiente Potencializador para a Inclusão. (JZ)

a obtenção do auxílio-reclusão, um benefício previdenciário que muitos detentos desconhecem. “Graças ao trabalho do Centro, há cinco anos eu recebo R\$ 300,00 por mês, que ajudam no sustento da minha família”, diz a dona-de-casa Maria Florinda Ferreira de Freitas, de 64 anos, mãe de um presidiário.

Até mesmo a área de toxicologia pode gerar benefícios para a população. Em Botucatu, pessoas intoxicadas por picadas de insetos, ingestão de medicamentos, venenos ou produtos químicos obtêm orientação especializada, graças a um serviço de atendimento 24 horas oferecido pelo Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox), do Instituto de Biociências (IB). “Sem este serviço, não haveria como atender a esses casos, já que na região há carência de profissionais da saúde habilitados”, ressalta Sandra Cordellini, bióloga e coordenadora do Centro.

Avaliação das ações

Para Sérgio Azevedo Fonseca, professor da Faculdade de Ciências e Letras

(FCL), *campus* de Araraquara, muitas iniciativas de extensão similares na UNESP poderiam ter melhores resultados se apresentassem maior integração. “Em muitos casos, a efetividade dessas contribuições está em patamares bastante inferiores aos seus potenciais”, comenta o docente do curso de Administração Pública. “A ausência de diretrizes unificadoras alimenta a individualidade dos projetos, o que limita o potencial de ganhos para as comunidades.”

O sociólogo da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), *campus* de Marília, Edemir de Carvalho, enfatiza que os projetos de extensão serão sempre insuficientes para atender os 32 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. No entanto, ele ressalta a importância das iniciativas de instituições como a UNESP no esforço hoje realizado para melhorar a situação do País. “O caminho mais adequado para a ampliação dos programas sociais passa pelas universidades públicas, que tratam as desigualdades como questão social e não como um projeto político de governo”, argumenta.

Estímulo à consciência social dos estudantes

Os projetos de extensão desenvolvidos na UNESP também contribuem para a formação técnica e humanista dos alunos de graduação e pós-graduação. No ano passado, 744 estudantes foram beneficiados com bolsas extensionistas.

Desde 2004, Ana Paula Barbosa, quartanista de Arquitetura e Urbanismo da Faac, está ligada ao projeto de reformas em moradias populares do ArqHab. “Participamos do contato com a comunidade, elaboração e apresentação dos projetos arquitetônicos, definição dos sistemas e materiais de construção e planilhas de custos de material, bem como do acompanhamento das obras”, diz. “A pesquisa do ArqHab proporcionou a vivência dos problemas reais das pessoas e a possibilidade de tentar resolvê-los”, acrescenta Erick Tonin, cimento e gerar oportunidades para os mais necessitados”, ressalta. (JZ)



Pedrossoli (dir.) no projeto de Ourinhos: satisfação com a mudança de visão dos catadores sobre reciclagem

também integrante do grupo. Estudante do 3º ano de Geografia na unidade de Ourinhos, Julio Pedrossoli participou do projeto da associação dos catadores na cidade. Ele fez o levantamento do cadastro social dos associados e participou das palestras sobre reciclagem de lixo nas escolas. “A maior satisfação foi perceber que, antes, esses trabalhadores se sentiam lixeiros e, hoje, se consideram profissionais da reciclagem”, conta.

Maria Lúcia Pallamin, estudante de pós-graduação em Botucatu, não esconde sua satisfação por integrar o projeto de horticultura para assentados em Bauru. “Sempre fui motivada a realizar trabalhos de extensão que possam agregar conhecimentos e gerar oportunidades para os mais necessitados”, ressalta. (JZ)

Crise da crítica



Alemânia, 1979, Josef Koudelka

A capacidade de julgar uma obra ou a produção de um autor nas mais variadas esferas da cultura – ou seja, a crítica – tem um papel essencial de ajudar as pessoas a compreender o significado ou a qualidade de um determinado trabalho. No entanto, o exercício da crítica no Brasil é alvo de uma quantidade crescente de protestos e polêmicas. Um dos problemas mais freqüentemente apontados é a falta de preparo dos profissionais que ocupam posições de destaque nessa área, que muitas vezes

simplesmente desconhecem o assunto de que estão falando. Da mesma forma, interesses comerciais costumam orientar os textos publicados, que se transformam em pura publicidade de uma exposição, filme ou CD lançado, por exemplo. Além dessas questões, esta edição do Caderno Fórum focaliza desafios como a influência dos meios eletrônicos como a Internet sobre o próprio modo de pensar da população ou, ainda, a importância da visão crítica para interferir nos rumos atuais da sociedade.

A agonia da leitura na sociedade global

Entrevista com Wilson Martins

————— *Página 2*

O jornalismo cultural e o toma-lá-dá-cá

Juremir Machado da Silva

————— *Página 2*

A necessidade da crítica nas Ciências Sociais

Giovanni Alves

————— *Página 3*

Peça em dois atos e um epílogo

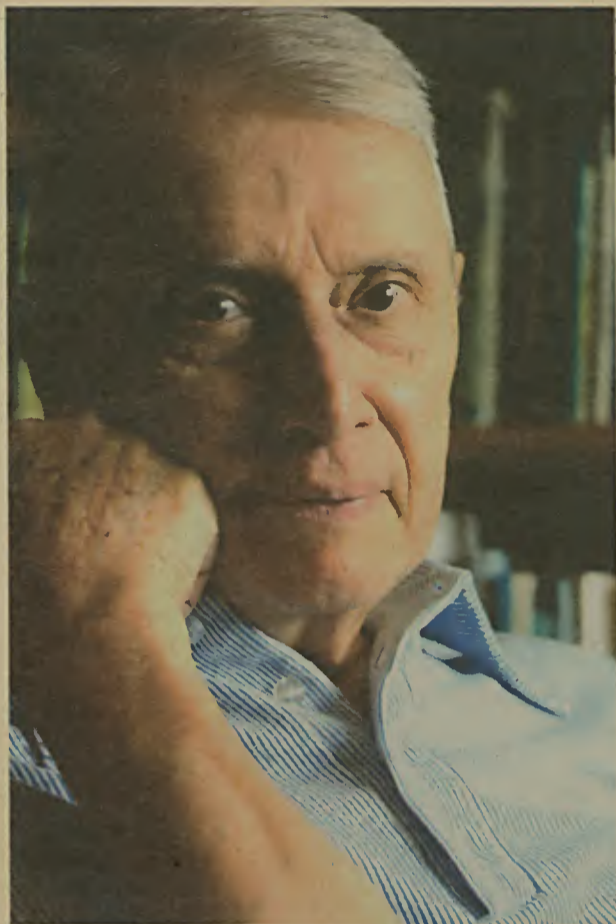
Oscar D'Ambrosio

————— *Página 4*

WILSON MARTINS

A agonia da leitura na sociedade global

Wilson Martins é considerado um dos mestres da crítica literária brasileira. Bacharel em Direito (1943) e doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1952), atua como crítico literário do *Jornal do Brasil* e da *Gazeta do Povo*. Professor emérito da Universidade de Nova York (1965-1991) e professor das Universidades de Kansas (1962) e Wisconsin-Madison (1963-64), é membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do PEN Club do Brasil, além de comendador da Ordem Nacional de Rio Branco. Recebeu duas vezes o Prêmio Jabuti, pela publicação de *História da inteligência brasileira* (7 volumes), além dos Prêmios José Ermírio de Moraes, da Academia Brasileira de Letras, Melhor Crítico Literário, da Associação Paulista de Críticos de Arte, e Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Nesta entrevista, discute o pensamento crítico no mundo globalizado, analisa seu afastamento das ideologias de esquerda e direita e avalia a crítica literária hoje no Brasil.



Caderno Fórum: Qual é o papel da crítica literária no atual mundo globalizado?

Wilson Martins: O pensamento crítico continuará a existir enquanto houver literatura, assim como esta sempre existiu "desde que há homens e que escrevem", para lembrar La Bruvère. No mundo globalizado, a imediata circulação das idéias tenderá a universalizar os padrões de julgamento no ato mesmo em que os diversifica: a multiplicidade sugerirá a unificação e vice-versa. É certo que a literatura em suas formas tradicionais está se hipostasiando em literatura eletrônica, inclusive como técnica de pesquisa, de forma que já existe uma literatura de segundo grau, por assim dizer. Resta saber se a civilização eletrônica não está condicionando nossas próprias atividades mentais, se o homem do século XXI já não pensa como o homem dos anteriores. Ao que parece, há estruturas mentais diversas, o que só poderá ser comprovado em termos de longa duração.

CF: A sua não vinculação às ideologias de esquerda tomou o seu trabalho isolado e quase único no Brasil?

Martins: Não fui nem sou "ligado às esquerdas", nem tampouco à direita, o que é um milagre biográfico. A minha geração se alinhou num bloco ou no outro, de forma que me vi condenado ao ostracismo dos solitários. As ideologias tomaram a forma de febres infecciosas, não raro fatais. O gregarismo visceral condicionou e continua condicionando a vida intelectual, estabelecendo parâmetros de julgamento, inclusive moral: os de esquerda consideram-se moralmente superiores aos de direita, uns e outros considerando-se moralmente superiores aos independentes. O fato é que um direitista pode escrever um bom romance ou poesia de superior inspiração, assim como um esquerdista pode ser péssimo poeta ou escrever romances insignificantes.

Estamos numa civilização que não lê, apenas olha, um condicionamento determinado pela televisão

CF: Qual é a sua avaliação da crítica literária praticada hoje no Brasil?

Martins: Os jornais reduziram drasticamente o espaço outrora reservado, não só à crítica, mas à matéria escrita em geral, na mesma medida em que o ampliaram para a imagem. Estamos numa civilização que não lê, mas vê, ou apenas olha, condicionamento determinado pela televisão. A crítica, argumentativa por definição, que exige amplos desenvolvimentos, foi pouco a pouco substituída pela resenha informativa e tópica: é uma diferença de natureza, não apenas de extensão. A resenha não é uma crítica em menor

número de linhas, é outra coisa, assim como a crítica propriamente dita se distingue da crítica chamada universitária. Esta é, na verdade, ensaísmo catedrático. Se há sempre um crítico dormitando em todo ensaísta, a recíproca não é verdadeira, sendo diferentes entre eles a abertura do compasso intelectual e a profundidade das sondagens, e isso já no ponto de partida: o crítico interessa-se necessariamente pela literatura *in fieri*, no momento em que é produzida, enquanto a matéria do ensaísta é a literatura *facta*, a que se inscreve numa ordem definitiva de grandeza.

CF: Há diferença entre a crítica universitária e a crítica propriamente dita?

Martins: A "crítica universitária" é de natureza didática e professoral, no bom e no mau sentido da palavra, analisando em profundidade os valores garantidos na Bolsa de Mercadorias literárias (Machado de Assis, Guimarães Rosa, Shakespeare...), valores reconhecidos pela crítica propriamente dita. Esta última joga na Bolsa de Futuros: livros e autores da semana ou do mês, desconhecidos que ensaiam os primeiros passos, limpando o terreno para os ensaístas que virão. Há, contudo, uma vantagem: é mais fácil ser original a respeito dos estreatos do que com relação aos consagrados.

O jornalismo cultural e o toma-lá-dá-cá

JUREMIR MACHADO DA SILVA

A crítica no jornalismo brasileiro é uma farsa. Mais exatamente, uma simulação. Principalmente quando se trata de crítica cultural. Os grandes veículos praticam uma espécie de "nepotismo crítico": aos da casa, tudo; aos demais, o rigor, a virulência e o deboche. Em consequência disso, tem-se cada vez mais a figura do crítico que cobra o escanteio, corre para fazer o gol de cabeça e ainda escala o time, ou seja, o crítico-autor-entrevistador-resenhista. Como diria o pensador francês Jean Baudrillard, a mídia deixou de cobrir o acontecimento para tomar o lugar do acontecimento. Em suma, a mídia prefere falar de si mesma, numa invejável circularidade.

Um autor criticado, para não ser visto como um ressentido ou um mau jogador, é estimulado a não contestar os seus críticos. Na prática, fica assim: se o autor não reage é porque aceitou a crítica; logo, ela é pertinente. Se o autor reage é porque não sabe aceitar crítica. Logo, ela é ainda mais pertinente, pois a rejeição é sempre tomada como um indicio de que se tocou no lugar que dói. Ao criticado, portanto, só resta o silêncio, que é visto como uma forma elegante ou calculada de admitir que o crítico acertou na sua avaliação.

Quando, porém, um crítico-autor-entrevistador-resenhista publica um livro, tudo isso muda. O livro será mostrado em todos os programas de televisão, o autor será rotulado de genial, um jeito e uma desculpa serão dados, que poderão ser até a verdade, tipo "esse cara é meu amigo", para ajudar o colega. Ruy Castro é um privilegiado nesse sentido. A *Folia de S. Paulo* cobre

até as idas ao banheiro de Carlos Heitor Cony, além de levantar a bola para os seus jovens lobos candidatos a escritor. A *Folia*, claro, pode alegar, como a turma do "mensalão", que só faz o que todos fazem desde sempre. Absolvção certa.

Caso se trate de um concorrente de um veículo poderoso, o silêncio obsequioso se imporá, se o livro for bom. Em situações extremas, tratando-se de uma obra ruim ou com muitos erros, talvez se publique um texto sem assinatura, o que servirá para mostrar ao público a independência e a coragem de quem o faz. Se a crítica for feita ao crítico-autor-entrevistador-resenhista por um simples autor, aí a resposta será violenta e uniforme. O infeliz será chamado de "ressentido". Eu poderia dar exemplos dessa prática, pois eles não faltam, mas quero apenas esboçar os traços de uma crítica quase impessoal, válida para o que ocorre em boa parte do mundo, como mostrou Pierre Bourdieu, mas que é temperada com muito gosto e jogo de cintura neste nosso País acostumado ao patriarcalismo e ao clientelismo.

O Brasil ainda é um dos poucos países onde o livro de encomenda é tratado como uma obra de arte

Na televisão, o espetáculo é mais vulgar: a Rede Globo produz, por exemplo, uma série de reportagens ou um quadro para o *Fantástico*, a Editora Globo reúne o material num livro, o *Fantástico* faz "matéria" sobre o lançamento da obra, o jornal *O Globo* dá resenha, a revista *Ípoca* entrevista o autor, etc. Os demais veículos seguem o padrão. Os filmes produzidos pela Globo já têm asseguradas por contrato citações "espontâneas"

em falas de personagens de novela ou em programas de grande audiência, o que dá ao público incauto a sensação de uma disseminação total.

As grandes editoras adotaram publicar críticos-autores na esperança de garantir bons espaços e boas "críticas" para os seus demais livros. O crítico-autor



não gosta de criticar os colegas de outros veículos pela simples razão de que poderá um dia precisar de emprego ou de uma boa crítica para um livro seu lançado por uma editora amiga. Como se vê, é um sistema perfeito, um crime mais-perfeito, com todas as evidências disponíveis e nenhuma possibilidade de denúncia que já não esteja previamente esvaziada como expressão de ressentimento e inveja.

Há uma escala crítica dos poderes no Brasil: atacar o Legislativo e o Executivo é até piada (e eles mere-

cem); bater no Judiciário é mais difícil (todo mundo teme represálias); agora, criticar a mídia na mídia é quase impossível, a não ser como simulacro, numa estratégia de legitimação pela qual um veículo abre um pequeno espaço para a crítica de modo a poder neutralizar os críticos que venham a dizer que ali não se aceita crítica. O Brasil é um dos poucos países onde livro de encomenda é tratado como obra de arte. Fernando Moraes tomou-se um biógrafo da corte, mas o seu prestígio na corporação continua o mesmo. Cada vez mais, as editoras sabem que o essencial não é o que alguém escreve, mas onde escreve.

O capital-mídia de um autor é um fator extraliterário decisivo.

Nos anos 60 do século XX, a teoria literária estruturalista "matou" o autor. Foi também um crime quase perfeito, pois o leitor nunca ficou sabendo. Mas falhou. Agora, na era do crime mais-perfeito, descobre-se que o autor está mais vivo do que nunca, solto em todas as redações, saltitante na mídia. Foi a obra que morreu.

Juremir Machado da Silva é jornalista, escritor, tradutor, professor universitário e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RS. E-mail: juremir@pucrs.br

A necessidade da crítica nas Ciências Sociais

GIOVANNI ALVES

A teoria social surge na primeira grande crise histórica da civilização industrial do capital em meados do século XIX. Sociologia e Materialismo Histórico são filhas da primeira crise da modernidade burguesa. Tanto Auguste Comte, quanto Karl Marx e Friedrich Engels se defrontaram com a crise da civilização europeia, abalada pelas agudas transformações sociais da Primeira Revolução Industrial.

Por um lado, a Razão Positiva, matriz epistemológica da Sociologia na França, uma Sociologia obcecada com a coesão social e com a crise de hegemonia das classes dominantes. Por outro lado, a Razão Crítica, de cariz dialético-materialista. No bojo da crise europeia de 1848, a crítica social tenderia a assumir sua expressão suprema com o Materialismo Histórico, que é crítica da Política e do Estado e, depois, crítica da Economia Política.

O conceito de crítica que está na base epistemológica da teoria de Marx é crítica não apenas do idealismo clássico alemão, tendo Hegel como seu representante-mor, mas também dos ideólogos alemães (Bauer e Stimer) e, inclusive, do materialista vulgar (Feuerbach). A crítica materialista-dialética e histórica torna-se o instrumental heurístico que nasce com o espírito da práxis (Teses *Ad Feuerbach*). Por isso, a crítica materialista de Marx e Engels é "filosofia da práxis", segundo Gramsci.

Deve-se superar a paralisia do pensamento sociológico vigente e a estreiteza do marxismo positivizado

ontologicamente cada vez mais social, de mediações complexas, cujo desvelamento é tão urgente quanto necessário para a *intention recta* dos agentes sociais insurgentes. Isto é, a crítica emancipatória, que é prática histórica, aparece como *necessidade* candente em tempos de barbárie social.

Entretanto, apesar de *necessária*, a crítica nas ciências sociais, sob a terceira crise histórica da ordem burguesa mundial, é elemento não-predominante no *establishment* acadêmico, tendo em vista que o que se dissemina é a *razão positiva*,

matriz da racionalidade instrumental neopositivista ou do *logos* pós-moderno, que tendem a ocultar (e mistificar) os dilaceramentos de uma ordem sociometabólica em crise estrutural.

Desde 1946, Max Horkheimer constatara o eclipse da razão crítica no alvorecer do neocapitalismo tecnocrático. No cenário social da mundialização do capital, suas palavras possuem uma angustiante atualidade: "Parece que, enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de resistir ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução".

Décadas depois, em 1971, no alvorecer da crise estrutural do capital, o agudo fetichismo que atingia a ordem da racionalidade instrumental levou outro legatário da tradição crítica, Jürgen Habermas, a observar: "Jamais a humanidade se defrontou de modo tão inelutável com a ironia de uma his-

tória que ela pode fazer e que continua escapando ao seu controle". Embora não pertença à tradição crítica do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, István Mészáros, representante da crítica radical nas ciências sociais hoje, observou, em 2005: "O tempo está se esgotando. Assim, somente uma alternativa radical ao modo estabelecido de controle da reprodução do metabolismo social pode oferecer uma saída da crise estrutural do capital".

Enfim, o maior desafio hoje da ciência social crítica é contribuir para a *crítica negativa* da barbárie social e a busca de *alternativas positivas* ao sociometabolismo do capital. O cientista social deve cultivar a imaginação crítica, superando a paralisia (e tacanhez) do pensamento sociológico vigente e a estreiteza setária de um marxismo positivizado. É necessário buscar apreender (e traduzir em uma nova teoria social) os elementos da "negação da negação", o "ainda-não-ser" (como diria Ernst Bloch), inscritas nas possibilidades concretas e nos movimentos sociais de classe que clamam por um outro mundo social possível.

Giovanni Alves é professor de Sociologia da UNESP, *campus* de Marília, e líder do Grupo de Pesquisa Estudos da Globalização (<http://globalization.cjb.net>). É coordenador-geral da Rede de Estudos do Trabalho (www.estudosdotrabalho.org) e do Projeto de Extensão Tela Crítica (www.telacritica.org). Atualmente é Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais - Mestrado e Doutorado, da UNESP-Marília. É autor de vários livros na área de trabalho e globalização. Site: www.giovannialves.org. E-mail para contato: giovannialves@pesquisadorcnpq.br



Peça em dois atos e um epílogo

OSCAR D'AMBROSIO

(Abre-se a cortina e acendem-se as luzes.)

Ato I

Anunciado pela imprensa cearense como um dos principais nomes da arte contemporânea mundial, o artista japonês Souzaareta Geijutsuka inauguraria, em janeiro, no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, em Fortaleza, a exposição Geijitsu Kahuu. Ele apresentaria trabalhos baseados na sua criação, a fotografia Shiitake, que permitiria "a captação dos fenômenos invisíveis ocorridos na atmosfera". No dia da abertura, Geijutsuka não apareceu. Na verdade, ele nunca existiu! Em seu lugar, estava o artista paulistano Yuri Firmeza, que expôs uma série de *e-mails* pregados na parede, entre ele e um amigo sobre a idéia da criação de um artista imaginário.

Entreato

O episódio ilustra a quantas anda a relação entre mídia, galerias e museus. A namorada de Yuri, fazendo-se passar por assessora de imprensa do artis-

ta japonês, distribuiu fotos prosaicas de um gatinho na rua como sendo de Geijutsuka. Todos acreditaram.

A imprensa local não se deu ao trabalho de pesquisar sequer um pouquinho na Internet, onde não há referências a algum Souzaareta Geijutsuka, que houvesse feito, conforme informado pela fictícia assessora de imprensa, exposições de repercussão mundial em Tóquio, Nova York, São Paulo e Berlim.

Havia pistas dessa inteligente fraude denunciadora de como anda a imprensa cultural, que cobre as artes plásticas, no Brasil. "Souzaareta Geijutsuka", em japonês, significa "artista inventado"; "Geijitsu Kahuu" pode ser traduzido como "arte e ficção"; e "Shiitake" é o nome de um cogumelo encontrado em qualquer restaurante japonês.

Infelizmente, boa parte da imprensa, para não dizer quase a totalidade, com exceções que confirmam a regra, escreve sobre as exposições que entram em cartaz na cidade sem ver as obras, baseando-se em *releases* com informações que não são checa-

das. Há os que escrevem sobre trabalhos sem nunca os terem visto ao vivo, apenas com base em catálogos e mensagens enviadas por *e-mail*.

Ato II

A 73ª Bienal de Arte do Whitney Museum, em Nova York, EUA, inaugurada em março, conta com três cu-

radadores: o francês Philippe Vergne, a inglesa Chrissie Iles e Toni Burlap – que não existe, embora esteja presente em todos os créditos do importante evento! Perguntado sobre o porquê dessa atitude, Vergne respondeu: "Não se trata de disfarce, mas de ca-

muflagem. A arte está tão sufocada pelo mercado que tudo tem de ter um rótulo. Uma outra identidade possibilita criar com mais liberdade, sem a preocupação de ser tachado de nada específico".

Entreato

O episódio mostra que a questão da identidade se coloca como cada vez mais complexa. Os dois curadores "oficiais" criam um terceiro que funciona como curinga e ao qual pode-se acusar e rotular de qualquer coisa, já que ele não é real.

A discussão sobre a validade de criar esse curador fictício deixa de lado, muitas vezes, o que há de mais importante numa exposição: a observação atenta e crítica das obras. Para muitos, principalmente para o número cada vez maior de filósofos que adentraram o universo da crítica de arte, a discussão sobre o conceito que envolve a obra é mais importante do que a obra em si mesma.

Multiplica-se, assim, o "crítico de arte da etiqueta". Ele não fala da obra que vê, mas da etiqueta que lê. Se não compreende a obra, talvez por ela ser de qualidade no mínimo discutível ou pela própria incapacidade de pensar, elabora, a partir de uma dica do título da obra ou dos materiais que a compõem, um discurso ainda mais incompreensível, que afasta o leigo do trabalho plástico, pois ele se impede de ver o que poderia, por se sentir diminuído perante um discurso que não entende e que o deixa perdido.

Epílogo

Entre a obra e o público existem, no mínimo, dois possíveis mediadores: a imprensa e o crítico de arte. Quando ambos esquecem que pinturas, esculturas, instalações e a videoarte são elementos concretos que precisam ser encarados em sua característica de objeto plástico, vistos e discutidos ao vivo, antes de serem transformados em mero espetáculo pelas páginas de jornais ou em fácil trampolim para o discurso filosófico vazio de críticos de arte que se expressam numa linguagem ininteligível, disfarce de quem tem pouco ou nada a dizer, alguma coisa está equivocada. Se o poder da assessoria de imprensa, do *marchand* e da galeria igualmente falam mais alto que a opinião do público em geral, algo está mais errado ainda.

(Abaixam-se as luzes e fecha-se a cortina.)

Oscar D'Ambrosio, jornalista, mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP, *campus* de São Paulo, onde atua como professor voluntário, é crítico de arte e integra a Associação Internacional de Críticos de Artes (Aica – Seção Brasil). Publicou, entre outros, *Os pincéis de Deus: vida e obra do pintor naïf Waldomiro de Deus* (Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo) e, para a Coleção *Contando a arte de...*, da Editora Noovha América, livros sobre os artistas plásticos Adelio Sarro, CACosta, Claudio Tozzi, Jocelino Soares, Maroubio, Ranchinho, Rubens Matuck, Peticov e Waldomiro de Deus. É responsável pela página www.artcanal.com.br/oscardambrosio

Quando obras de arte se transformam em espetáculo ou trampolim para discursos vazios, algo está errado



O crítico de arte, Kacul Hausmann

LIVROS

Plano estimula leitura no País

Projeto do governo federal será coordenado pelo diretor-presidente da Fundação Editora da UNESP

Para estimular a leitura entre os brasileiros, foi lançado no dia 13 de março, na 19ª Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Iniciativa do MinC (Ministério da Cultura) e do MEC (Ministério da Educação), o programa terá a coordenação executiva do diretor-presidente da Fundação Editora da UNESP (FEU), José Castilho Marques Neto.

Segundo o coordenador-geral do Plano, Galeno Amorim, da Fundação Biblioteca Nacional, o PNLL "será o mais importante instrumento da política pública para materializar as diretrizes básicas da Política Nacional do Livro, que estão apontadas até 2022".

Para Marques Neto, a finalidade principal do Plano é

converter as ações em torno do livro, leitura, literatura e bibliotecas em andamento no País em uma política de Estado, de caráter permanente. A convite do MinC, Castilho dirigiu a elaboração do PNLL, que contempla projetos, programas e ações de iniciativa de governos, setor privado e Terceiro Setor.

A primeira edição do PNLL possui 185 projetos e programas. Seu primeiro triênio terá um período para cadastro de ações, aberto a iniciativas não previstas. O Calendário Anual de Atividades e Eventos, com as informações sobre feiras de livros, seminários, simpósios, debates e palestras, será atualizado constantemente, de acordo com a programação anual da área. Os governos estaduais serão estimulados a também criar, até 2007, seus Planos



Amorim (esq.) e Marques Neto: política permanente para setor

Estaduais do Livro e Leitura (PELL). A previsão é que, até 2008, os municípios também participem da iniciativa.

Outras informações sobre o PNLL estão no endereço: www.pnll.gov.br

ADMINISTRAÇÃO

Campus de Presidente Prudente renova diretoria

João Fernando Custódio da Silva vai dirigir a unidade

No dia 16 de março, o engenheiro cartógrafo João Fernando Custódio da Silva e o geógrafo Antonio Nivaldo Hespanhol foram empossados, respectivamente, diretor e vice-diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), campus da UNESP de Presidente Prudente. Silva, que já ocupava a função de vice-diretor, assume o cargo antes ocupado pelo docente Neri Alves.

Em seu discurso, Silva disse que pretende conduzir uma gestão ágil e transparente. Enfatizou a valorização de professores e funcionários, do patrimônio e dos recursos públicos e o respeito à Congregação e aos órgãos colegiados. O evento teve a presença do reitor Marcos Macari, além de diretores de várias unidades, autoridades locais, servidores técnico-administrativos, docentes e alunos.



Silva (esq.) e Hespanhol: empenho por uma gestão ágil e transparente

Na ocasião, foram inauguradas obras realizadas na gestão que se encerrava: o novo ambulatório do curso de Fisioterapia, o Laboratório de Arqueologia, construído em parceria com a Cesp (Companhia Energética de São Paulo), e os

quiosques. Foi inaugurada de forma simbólica a Central de Grupos de Pesquisa, que no futuro abrigará as equipes de pesquisa da unidade.

Fernando Narciso Prado, Bolsista UNESP/Universia/FCT/Presidente Prudente.

COMUNICAÇÃO

Jornalista toma posse na Rádio UNESP FM

Ricardo Alexino Ferreira vai enfatizar educação e informação

O jornalista Ricardo Alexino Ferreira, docente da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), campus de Bauru, é o novo diretor da Rádio UNESP FM, Unidade Complementar da Reitoria. Ele assumiu a função em dezembro, por indicação do reitor Marcos Macari.

De acordo com Alexino, que já comandava um programa de divulgação científica na rádio, o "UNESP Ciência", deverão ser criados inicialmente mecanismos para ressaltar as principais características de uma emissora universitária – que são, segundo ele, informar e educar. Para isso, serão promovidas, por exemplo,



Alexino: em busca de apoios culturais

mesas-redondas com especialistas para esclarecer temas atuais.

O diretor também planeja ampliar a grade de programação e buscar apoios culturais. A partir do dia 13 de maio, quando a UNESP FM completa 15 anos, as transmissões se estenderão por 24 horas. Atualmente, a emissora funciona das 6 h à meia-noite.

LEITURA DINÂMICA

LABORATÓRIO DE AUTOMAÇÃO

Desde o início de 2006, os alunos do curso de Engenharia de Controle e Automação, da Unidade da UNESP em Sorocaba, utilizam um laboratório que permite desde a montagem dos circuitos mais simples à finalização de um sistema complexo de manufatura. O local conta com componentes hidráulicos, pneumáticos, eletro-hidráulicos e eletropneumáticos, como válvulas, sensores e pistões, além de diversos CLPs (Controladores Lógicos Programáveis) para otimizar processos nos sistemas. "Os equipamentos do laboratório são um recurso raro nas universidades, tanto pela alta tecnologia envolvida quanto pelo seu alto custo", afirma a professora Marilza Lemos. (Heloísa Garcia da Mota/Bolsista UNESP/Universia/Sorocaba)

ANIVERSÁRIO

O Instituto de Química (IQ) da UNESP, campus de Araraquara, comemorou, dia 21 de fevereiro, 45 anos de existência. O evento reuniu alguns dos pioneiros e o primeiro diretor do instituto, Cirano Rocha Leite, além do secretário municipal de Cultura, Sérgio Lago. A docente Cecília Lauce fez uma palestra sobre as memórias do IQ, enfocando a criação do curso de Química na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, em 1961. "Se não preservarmos a história do nosso País e da nossa instituição, perderemos nossa identidade, pois não conheceremos nossas origens", disse. "Os 45 anos de IQ representam uma data especial, que está respaldada pelos 30 anos de criação da UNESP", enfatizou a diretora do IQ, Maysa Furlan. (Átala Verlane Soares/Bolsista UNESP/Universia/IQ/Araraquara)

JORNALISMO

Alunos de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), campus da UNESP de Bauru, criaram o site *Livrevista* (www.livrevista.com), uma revista eletrônica para divulgar informações sobre política, economia, ciência, tecnologia, cultura, variedades, educação e universidade. *Livrevista* também publicará ensaios fotográficos e textos como crônicas,

ensaios e artigos. "Uma das propostas do *Livrevista* é levar informação diferenciada através de reportagens relacionadas ao Interior de São Paulo, com ênfase na cidade de Bauru", revela Juliano Domingues, editor de Política e Economia. Informações: contato@livrevista.com (Eliane Aparecida de Almeida Barros/Bolsista UNESP/Universia/Faac/Bauru)

CURSINHO

Um dos maiores projetos de extensão no Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, campus de Rio Claro, é o cursinho pré-vestibular Praxis, que atende cerca de 700 alunos carentes de Limeira e Rio Claro. A prefeitura de Limeira arca com os custos do projeto, mas, em Rio Claro, por falta de convênio com a administração municipal, os alunos custeiam seu próprio material. Os professores são todos estudantes voluntários da UNESP de Rio Claro. "Fico gratificado por poder ajudar alunos carentes a enfrentar a concorrência na disputa por vagas em cursos superiores", diz o quartanista de Geografia Dalmo Celso, professor de Literatura no cursinho. Informações: www.cursinhopraxis.com (Ricardo Beserra Santos/Bolsista UNESP/Universia/IGCE/Rio Claro)

PROJETO HORTALIÇAS

Criado em 2003, o Projeto Hortaliças fornece aos alunos de graduação em Agronomia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, campus de Jaboticabal, conhecimentos para a condução de uma horta de 5.000 m², sob a orientação do docente Arthur Bernardes Cecílio Filho. Os estudantes realizam o preparo de mudas, semente e colheita de culturas de tomate, cenoura, beterraba, abobrinha, abóbora, repolho, couve-flor, couve-folha, alface, almeirão, rúcula, rabanete e chuchu. São colhidos em torno de 10.000 kg a 13.000 kg por ano, doados a entidades assistenciais de Jaboticabal e Taiúva. A empresa SodexoPass financia bolsas para os participantes. "Além de ampliar os conhecimentos dos estudantes, o projeto tem um cunho de solidariedade", afirma Cecílio Filho. (Joana D'Arc de Faria Rodrigues/Bolsista UNESP/Universia/FCAV/Jaboticabal)

ASSENTAMENTO

Durante suas férias, estudantes do grupo PET (Programa Especial de Treinamento) da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF)

da UNESP, campus de Araraquara, realizaram trabalho de campo num assentamento de Motuca, numa parceria com a prefeitura local. Eles visitaram as casas e colheram material para avaliar a qualidade da água consumida, através de análise microbiológica e parasitológica, além da realização do exame de fezes. Também orientaram os moradores quanto à necessidade da cloração da água, já que a maioria consome água de poços rasos. "A população acha que, como a água não tem gosto, é cristalina e não precisa ser tratada", alerta a universitária Daisy Sayuri Fukuda. (Viviane Hengles/Bolsista UNESP/Universia/FCF/Araraquara)

COLÔNIA DE FÉRIAS

Foi promovida, em janeiro, a primeira colônia de férias para filhos de funcionários e docentes do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice) da UNESP, campus de São José do Rio Preto. Organizada pela professora Tatiana Schumacher, que ministra aulas de ginástica para funcionários e docentes do campus, a colônia contou com a colaboração do professor Sílvio Renato Silveira e dos estagiários Heverton da Silva Batista e Tricya Caroline da Silva. Ao todo, 21 crianças, de 7 a 14 anos, participaram da colônia. "Realizamos diversos passeios educativos e recreativos, nos quais as crianças aprenderam um pouco sobre segurança no trânsito, materiais recicláveis e como tratar os animais e a natureza", conta Tatiana. (Lúcia de Mello Barbosa Luca/Bolsista UNESP/Universia/Iblice/São José do Rio Preto)

ANIMAIS SELVAGENS

De 15 de janeiro a 15 de fevereiro, integrantes do Grupo de Estudo de Animais Selvagens (Geas) da UNESP/Dracena estiveram em Pedro de Toledo (SP), trabalhando em projetos desenvolvidos no Parque Estadual da Serra do Mar (PESM)/Núcleo Pedro de Toledo, sob a orientação do biólogo responsável Alexandre Aguilera Ramos. O Geas participou do trabalho "Caracterização do uso antrópico e diagnóstico socioambiental do Núcleo Pedro de Toledo", que tem como objetivo definir os padrões culturais, sociais, ecológicos e ambientais relativos à população que ocupa a área. "Trabalhar junto ao Núcleo proporciona ao Geas a prática e um melhor entendimento para o estudo dos animais selvagens", diz Flávia Garcia, integrante do grupo. (Ives Rodolfo Fernandes/Bolsista UNESP/Universia/Dracena)





'Ciência na UNESP' dá frutos

Programa garante apoio a iniciativas existentes em diversas áreas e em vários *campi* da Universidade. Publicamos, nesta página, três exemplos de projetos que foram beneficiados por essa proposta implantada pela Vice-Reitoria

Museu-Escola agora tem mais monitores

Estudantes que integram projeto de Presidente Prudente ajudam a melhorar serviços oferecidos ao público

O Museu-Escola, que reúne peças arqueológicas e indígenas, no *campus* de Presidente Prudente, é um dos projetos beneficiados pelo Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP, vinculado à Vice-Reitoria. O apoio do Programa garantiu a ampliação do número de alunos bolsistas que atuam como monitores nesse local: antes, havia somente um e, agora, são três estudantes. "Em decorrência, há também um aumento no número de visitas e uma melhora na qualidade do atendimento", diz a coordenadora do museu, a arqueóloga Ruth Künzli, docente do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT).

O local abriga um acervo com cerca de 98 mil peças arqueológicas, datadas de mil a 7 mil anos atrás. Elas pertenciam a duas populações bastante diferenciadas. A mais antiga delas, formada por coletores-caçadores, utilizava pedra lascada em suas atividades. A mais recente, era de lavradores e ceramistas.

Em exposição estão aproximadamente 200 peças arqueológicas, entre artefatos cerâmicos e pedras lascadas e polidas. "As peças arqueológicas foram achadas na própria região de Presidente Prudente, fruto dos nossos trabalhos científicos", observa Ruth. Já o acervo indígena é procedente de várias partes do Brasil. "De um total de 2.500 peças, cerca de 500 estão expostas", comenta.

Em 2005, cerca de 8 mil alunos de escolas



Fantoches do museu: apresentações sobre cultura indígena

públicas e particulares da região visitaram o local, que integra o Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia (Cemaarq). Além da visita monitorada, os alunos assistem a duas apresentações. Na "Hora da Lenda", fantoches representam uma lenda dos índios e mostram artefatos por eles utilizados. Já em "Hora da Música", eles cantam a música *Na Crista da Onda*, com letra adequada à realidade indígena.

Ruth conta que a criação do museu, em 1998, atendeu à necessidade de adequação da linguagem científica para os alunos da rede da região. A função dos bolsistas é contribuir para que o visitante tenha o maior número possível de informações. Eles preparam textos para o professor responsável pela visita, para que o assunto seja tratado, antecipadamente, em sala de aula. "Os bolsistas do Projeto Ciência da UNESP também estão permitindo a implantação de algumas inovações", acrescenta Ruth.

Julio Zanella

Espaço populariza conceitos da Física

Proposta utiliza brincadeiras e materiais de baixo custo em experimentos expostos em escolas

O Museu Vivo, um projeto de popularização da ciência promovido por docentes da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), *campus* de Presidente Prudente, circula por escolas públicas da região, apresentando experimentos que transmitem conceitos da Física de forma lúdica e com materiais de baixo custo. A iniciativa é do Centro de Ciências da FCT, um dos beneficiados pelo Programa Permanente de Divulgação Científica, o Ciência na UNESP, apoiado pela Vice-Reitoria.

O Museu Vivo inclui cerca de 20 experimentos, elaborados com materiais como tubos de PVC, madeira e bolinhas de gude. Para o físico Angel Fidel Vilche Pena, coordenador do Centro, o objetivo das exposições é criar maneiras de interação entre o aluno e os conceitos ensinados, além de gerar questionamentos levados para debate em sala de aula. Segundo informações de professores de Ciências de escolas por onde os experimentos foram apresentados, os alunos passaram a se interessar mais pela disciplina após a visita. "Essa é a maior recompensa do nosso trabalho", acrescenta o coordenador.



Alunos num experimento: mais interesse pela ciência

Segundo os organizadores, aproximadamente 5 mil estudantes já viram a exposição. Atualmente, seis bolsistas dos cursos de licenciatura em Matemática, Física e Geografia ajudam na montagem das experiências e na monitoria dos trabalhos. "Com as novas bolsas proporcionadas pelo Ciência na UNESP, poderemos ampliar o número de visitas e montar novos experimentos", destaca o coordenador do Centro.

Em operação desde 1994, o Centro de Ciências passou a ocupar, em 1999, uma área de 100 m² no *campus* da FCT. Ele mantém um roteiro de visitas públicas por escolas, denominado Circuito Científico Cultural, que inclui também a Estação Meteorológica e o Museu do Índio. No espaço, foi incorporada, ainda, uma sala específica para Educação Ambiental, equipada com painéis interativos e videocassete.

(JZ)

Site oferece mais de 20 cursos de Química

Também são fornecidos conteúdos de Ciências para docentes e alunos do ensino fundamental e médio

Um site produzido por docentes do Instituto de Química (IQ), *campus* de Araraquara, oferece mais de 20 cursos de Química para estudantes de graduação e pós-graduação, além de conteúdos sobre Ciências para professores e alunos do ensino fundamental e médio. O projeto faz parte do Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP, apoiado pela Vice-Reitoria.

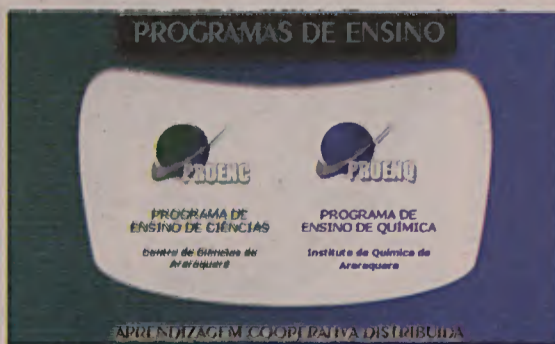
"Utilizamos recursos da Internet para oferecer conhecimento científico e cultural através de cursos, artigos, conferências e grupos de discussão, voltados para a formação de alunos de ensino médio, graduação e pós-graduação, visando a capacitação a distância e troca de experiências", diz o químico Luiz Antonio Andrade de Oliveira, coordenador do site, que conta com mais sete docentes do IQ.

O site <http://www.proenq.iq.unesp.br/> nasceu do Programa de Integração Graduação e Pós-graduação,

criado em 1996. Em 2002, a partir de um convênio celebrado entre a Secretaria de Estado de Educação de São Paulo e a UNESP, os equipamentos foram atualizados.

Desenvolvido e cedido pelo Laboratório de Informática da PUC do Rio de Janeiro, foi instalado o software AulaNet, que vai possibilitar o oferecimento de 64 cursos, com o envolvimento de 45 docentes. Desse total, 27 cursos já receberam autorização dos professores para irem ao ar. A expectativa é a participação de 740 alunos, número de pessoas já cadastradas no site.

O Programa de Ensino de Química (Proenq), por



O site: recursos da Internet para transmissão de conhecimento

exemplo, um dos cursos destinados a pós-graduandos, aborda a flotação, processo químico para produção de leveduras. Já para graduandos, há Bioquímica das Plantas e Cálculo I e II. Seus conteúdos teóricos e práticos e listas de exercícios são produzidos por docentes do IQ.

O projeto prevê ações para estimular os docentes do IQ a utilizar tais recursos, na produção e divulgação de material de interesse científico, tecnológico e cultural. Além disso, o coordenador espera desenvolver programas de animação e simulação para incorporá-los aos conteúdos e aos cursos de educação continuada a distância.

(JZ)

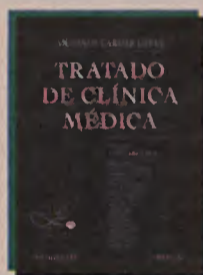


Retratos, Clóvis Graciano

MEDICINA

Clínica médica

Realizada pela Editora Roca e editada pelo médico Antonio Carlos Lopes, professor titular de Clínica Médica da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica e Fellow of The American College of Physicians, esta é a primeira obra exclusivamente nacional sobre o assunto. Trata-se da mais completa fonte de consulta das diversas doenças que acometem o ser humano, tanto as mais triviais como as de descrição mais recente. Fruto de dois anos de trabalho, o projeto, em três volumes, envolve 1.058 autores – 15 deles da UNESP –, com 26 módulos e mais de 700 capítulos, num total de 5.465 páginas, 1.328 imagens, 698 quadros, 1.243 tabelas e 2.706 ilustrações, numa diagramação moderna e pedagógica. “O objetivo é oferecer aos jovens estudantes, residentes, clínicos gerais e especialistas o melhor da experiência médica acumulada no Brasil e no mundo. Por ser planejado e produzido em nosso País, contempla absolutamente a realidade da medicina brasileira”, informa Lopes.

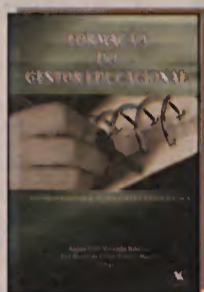


Tratado de Clínica Médica – Editor Antonio Carlos Lopes; Editora Roca; 3 volumes; 5.465 páginas; R\$ 599,00. Informações: (11) 3331-4478 e www.editoraroca.com.br

EDUCAÇÃO I

Ação coletiva

O objetivo deste livro é apresentar os resultados científicos obtidos por docentes e discentes do curso de especialização em Gestão Educacional do *campus* de Presidente Prudente. Docentes do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP e organizadoras da obra, Arilda Inês Miranda Ribeiro e Ana Maria da Costa Santos Menin reúnem um texto de cada professor do curso, seguido dos resumos das monografias orientadas. “Foi a maneira que encontramos de traçar um perfil do curso e a trajetória da pesquisa de cada participante”, diz Ana Maria. Os conceitos de conhecimento e gestão educacional, metodologia do ensino superior, planejamento e avaliação de currículo, reflexões sobre gestão da organização escolar e avaliação institucional são alguns dos temas enfocados. “O curso já possibilitou a formação de 80 profissionais, que produziram debates, pesquisas, CD-ROMs e monografias sobre gestão educacional”, conclui Arilda.



Formação do gestor educacional: necessidades da ação coletiva e democrática – Arilda Inês Miranda Ribeiro e Ana Maria da Costa Santos Menin (organizadoras); Editora Arte & Ciência; 176 páginas; R\$ 16,13. Informações: (11) 3284-8860 e www.arteciencia.com.br

Rei e rainha, Henry Moore



Figura, Milton Daccast

ODONTOLOGIA

Anatomia facial

Os docentes Roelf Cruz Rizzolo e Miguel Carlos Madeira, da Faculdade de Odontologia (FO), *campus* de Araçatuba, lançaram, em março, a segunda edição do livro *Anatomia facial com fundamentos de anatomia sistêmica geral*, editado pela Sarvier. A edição foi inteiramente revista, com a incorporação de novos textos e imagens. Ela adiciona conceitos e fundamentos de anatomia humana, abrangendo quase todos os sistemas orgânicos. O volume é acompanhado de um CD-ROM, destinado à realização de atividades para a consolidação do aprendizado e inclui uma bateria de testes. “O CD-ROM foi produzido com tecnologia de ensino a distância. Isto permite que o conteúdo seja arquivado no computador do leitor”, informa Rizzolo. Em alguns dos seus capítulos, o CD-ROM traz informações adicionais às do livro. Possui ainda um glossário de consulta rápida e dispõe de um mecanismo que permite, a partir do próprio CD, iniciar buscas sobre Anatomia na Internet. Simultaneamente ao lançamento, os autores também colocam no ar o *site* www.anatomiafacial.com



Anatomia facial com fundamentos de anatomia sistêmica geral – Roelf Cruz Rizzolo e Miguel Carlos Madeira; Editora Sarvier; 2ª edição; 350 páginas; R\$ 98,00. Inclui CD-ROM e www.anatomiafacial.com

EDUCAÇÃO II

O livro no século XXI

Publicação interdisciplinar da Fundação Uni e da UNESP, a revista discute temas como as Tecnologias de Informação e de Comunicação, modelos tecnoassistenciais, gestão e organização do trabalho em saúde, competência de profissionais da área para o trabalho interdisciplinar. Também há artigos sobre negociações sociais para a melhoria das condições de trabalho no setor de teleatendimento e mestrado profissionalizante como modelo preferencial para a capacitação em Saúde da Família. Destaca-se o debate entre José Castilho Marques Neto, diretor-presidente da Fundação Editora da UNESP, Flavia Goullart Mota Garcia Rosa, vice-presidente da Associação Brasileira de Editoras Universitárias, Moisés Goldbaum, secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde, e Rita Barradas Barata, professora da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa (SP), sobre o livro do século XXI na avaliação acadêmica. “A edição homenageia Maria Lucia Toralles Pereira, editora e criadora da publicação, falecida em 2005”, informa Antonio Pithon Cyrino, um dos editores da revista.



Interface: comunicação, saúde e educação – volume 9, número 18, set./dez. 2005. 205 páginas. Assinatura anual: R\$ 40,00 (individual) e R\$ 55,00 (institucional). Informações: (14) 3811-6232, ramal 211; inf@fmb.unesp.br e www.interface.org.br

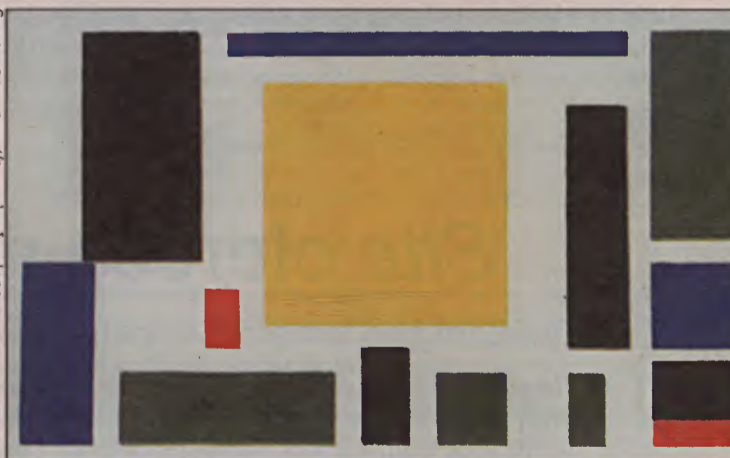


Violino, capô, cachimbo e âncora, Pablo Picasso

SEMIÓTICA

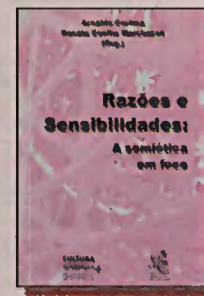
Reflexão contemporânea

Os organizadores desta coleção, Arnaldo Cortina e Renata Coelho Marchezan, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, *campus* de Araraquara, reuniram reflexões contemporâneas sobre semiótica desenvolvidas no Brasil e na França. Buscou-se um registro de tendências tanto no plano teórico quanto no plano de análises específicas. São assim tratadas reaproximações da semiótica com a fenomenologia, a percepção, as sensações e a retórica. Há enfoques de semântica extensiva e esquematização da modalidade epistêmica, além de estudos sobre o imaginário cultural e a persuasão em textos publicitários, e o uso de termos estrangeiros no português do Brasil. A poética da palavra em Michel de Montaigne e uma reflexão sobre os leitores de Harry Potter são outros temas de análise. Edna Maria F. S. Nascimento, também da FCL, participa da publicação. “Um dos objetivos foi abranger uma reflexão sobre diferentes planos de expressão”, diz Renata.



Composição (A vaca), Theo van Doesburg

Razões e sensibildades: a semiótica em foco – Arnaldo Cortina e Renata Coelho Marchezan (organizadores); Série Trilhas Lingüísticas nº 6; Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, *campus* de Araraquara, e Cultura Acadêmica Editora; R\$ 25,00. Informações: (16) 3301-6275; www.fclar.unesp.br/labedit e laboratorioeditorial@fclar.unesp.br



ANTROPOLOGIA

Da vida na tribo ao convívio com o branco

Lançamentos abordam tradições de uma comunidade tupi que vive no Parque Nacional do Xingu e os problemas de indígenas que decidiram morar numa cidade do Amazonas

OSCAR D'AMBROSIO

O movimento de indígenas em direção ao mundo dos brancos e a análise de um sistema sociocosmológico de um povo tupi do Rio Xingu são os temas, respectivamente, de *De volta ao Lago de Leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro* e *Um peixe olhou para mim: o povo yudjá e a perspectiva*. Esses dois títulos são os primeiros lançados pela Fundação Editora UNESP em parceria com o Instituto Socioambiental e o Núcleo de Transformações Indígenas.

De volta ao Lago de Leite é uma reflexão sobre o progressivo contato dos habitantes do Rio Uaupés, afluente do Rio Negro, com a cultura dos brancos. Cristiane Lasmar, a autora, pensa as transformações que ocorrem no modo de vida dos índios quando eles deixam as suas comunidades ribeirinhas e passam a residir na cidade de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas.

O fascinante da pesquisa está na abordagem do tema sob o ponto de vista das mulheres. Foram oito meses de trabalho de campo, sete deles em São Gabriel, divididos em quatro permanências na região. O foco recaiu sobre a trajetória e o discurso de mulheres que nasceram na cidade ou ali chegaram ainda pequenas.

Essas mulheres residem em áreas de ocupação relativamente antiga, como o Bairro da Praia. São escolarizadas, exercem ocupações assalariadas e constituíram família com homens brancos ou pretendem fazê-lo. A pesquisa verifica que mesmo aquelas que chegaram à cidade durante a infância ou a adolescência possuem uma noção "sólida" de vida em comunidade, com memórias pessoais alimentadas pelas histórias contadas pelos pais e pelo contato com parentes vindos do interior, que se hospedam em suas casas quando estão em São Gabriel.

Foi por intermédio das mulheres que Cristiane, doutora em Antropologia pelo programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ, conheceu os homens indígenas e seus parentes. As entrevistas com eles seguiram um tom mais cerimonioso e distante, muito provavelmente pelo fato de ser difícil para eles tratar de assuntos como a inclinação das moças indígenas à associação sexual e conjugal com brancos na cidade. Eles também mostraram dificuldade de discutir a identidade das crianças nascidas dessas relações.

Quanto aos homens mais velhos, Cristiane encontrou uma atitude menos reserva-

da. Ela os visitava, conhecia suas famílias e obteve numerosos dados sobre mitologia e xamanismo a partir dessa convivência.

Uma das principais diferenças da vida do índio na região ribeirinha e na cidade pode ser observada na educação escolar. A escola de ensino fundamental que funciona nas comunidades e nos centros missionários já ocupa parte do tempo antes dedicado pelas crianças ao aprendizado do trabalho na roça, essencial para sua socialização.

Posteriormente, para completar os estudos, os jovens vão para as cidades, onde se localizam as escolas de ensino médio e superior. No contexto urbano, viver como os brancos traz ao índio a possibilidade de disputar o acesso à educação escolar, dinheiro e bens de serviços, e, ao mesmo tempo, de se reposicionar com prestígio no sistema indígena.

A apropriação do conhecimento dos brancos, porém, envolve um risco para a própria identidade dos índios, que tem na noção de comunidade um importante e ameaçado sustentáculo. Na cidade, a noção de vida comunitária se perde e dificilmente é recuperada.

Outra questão complexa é que os índios que nascem começam a ter reduzida a sua convivência com os parentes. Uma alternativa é uma educação escolar diferenciada, com currículos e calendários adaptados às necessidades da vida nas comunidades, com valorização das línguas e das culturas nativas e a profissionalização em áreas que contribuam para o desenvolvimento regional sustentado. A idéia é a elaboração de projetos pedagógicos pelas comunidades, com o suporte de assessores brancos.

Ritual antropofágico

Um peixe olhou para mim, por sua vez, é um livro que propõe um mergulho

na vida social do povo yudjá, que vive atualmente no Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso). Tânia Stolze Lima, doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, enfoca a cosmologia e a vida social desse povo tupi. Trata-se de um trabalho de campo com inserção total na comunidade estudada e isolamento do mundo branco.

Os yudjá, segundo a pesquisadora, apresentam três mitos principais: o da navegação, da produção de cauim e das falas de um xamã magnífico que soprou a humanidade. Chamado de Senã'ã, ele criou o Rio Xingu e a floresta, e roubou o fogo de um gavião e a canoa de uma ariranha. Deu também origem aos animais então existentes e propiciou a cada um deles uma capa ou vestimenta específica.

Criou ainda o pênis e a vagina, que tinham vida própria, e os aplicou, respectivamente, no corpo de homens e mulheres. Soprou uma parte da humanidade para que ela se perdesse na floresta e sua carne pudesse servir de alimento para os yudjá, que se localizaram nas ilhas do

Xingu. Além disso, deu a alguns membros do povo a condição de criadores de gado, enquanto os yudjá atuais assumiram a condição de caçadores. Inventou ainda as primeiras mercadorias, como armas de fogo, tecidos, facas de aço e aviões pequenos.

Tânia concentra energia nas cauina-gens. O nome vem do cauim, bebida que se prepara com mandioca cozida e fermentada, embora também possa ser feita com caju e milho. A denominação é geralmente usada para nomear quaisquer bebidas fermentadas preparadas pelos indígenas.

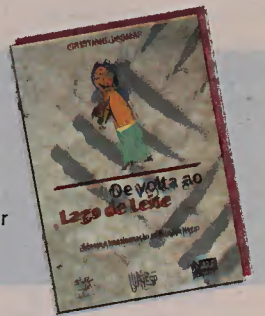
Surge aqui o tema da antropofagia, pois conta-se que os antigos yudjá, nas festas de preparação do cauim, eram capazes de matar e comer outras pessoas. A pesquisadora viveu uma situação ambivalente nas cauina-gens, pois os índios a cercavam de todos os cuidados. Surgia assim o medo ambíguo, não tanto, segundo ela, de ser comida, mas de ser capaz de comer carne humana.

Os dois livros se unem na capacidade que têm de instigar o pensamento sobre certos ritos iniciáticos. Por um lado, os índios, ao se mudarem para a cidade e buscarem um novo padrão de educação, correm o risco de não serem mais vistos como integrantes da coletividade a que historicamente pertencem; por outro, a pesquisa da mitologia de uma comunidade do Xingu nos faz ver como tradições de povos distantes encontram, como a psicanálise junguiana aponta, elementos em comum. Assim, muitas vezes, brancos e índios estão, mesmo sem que o saibam, mais perto do que imaginam.



Domenico Los Topoius, Albert Eckhout

De volta ao Lago de Leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro – Cristiane Lasmar; Editora UNESP, Instituto Socioambiental (ISA) e Núcleo de Transformações Indígenas; 286 páginas; R\$ 36,00. Informações: (11) 3242-7171 ou www.editoraunesp.com.br



Um peixe olhou para mim: o povo yudjá e a perspectiva – Tânia Stolze Lima; Editora UNESP, Instituto Socioambiental (ISA) e Núcleo de Transformações Indígenas; 400 páginas; R\$ 36,00. Informações: (11) 3242-7171 ou www.editoraunesp.com.br



Software educativo recebe prêmio

Programa de ensino de Matemática está entre projetos vencedores de concurso do MEC e Unesco

Dois alunos de graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), *campus* de Presidente Prudente, ficaram entre os sete ganhadores do Concurso de Objetos de Aprendizagem, patrocinado pelo MEC (Ministério da Educação) e pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura). Renan Tateoka, do curso de Ciência da Computação, e Helton Carvalho, de Matemática, produziram um *software* educativo para o ensino de Matemática, da educação infantil à 4ª série do ensino fundamental. Cada um dos projetos recebeu R\$ 3 mil.

O programa *Um dia de trabalho na fazenda* enfatiza a significação dos números no processo de aprendizagem. O projeto é ambientado em um sítio e, conforme a criança conhece o cotidiano do lugar, interage com os números. "Durante a pesquisa para a montagem do *soft-*

Fotos Divulgação



Tateoka (esq.), Carvalho e a apresentação do *software*: ênfase no significado dos números no processo de aprendizagem

ware, percebemos as dificuldades das crianças com operações como soma e subtração, em grande parte por falta de contextualização dos números", conta Carvalho.

O material ficará disponível no site do programa Rived (Rede Internacional Virtual de Educação) ([http://](http://rived.proinfo.mec.gov.br/)

rived.proinfo.mec.gov.br/), que estimula a produção de programas educativos e os disponibiliza para professores de todo o Brasil. "O trabalho foi gratificante tanto para nossa formação profissional quanto para pensarmos a utilização da

tecnologia em sala de aula, que poderá se tornar uma alternativa enriquecedora para o ensino", acrescenta Tateoka.

O programa foi desenvolvido no Núcleo de Educação Corporativa (NEC), do Departamento de Matemática, Estatística e Computação da FCT, sob a orientação dos professores Klaus Schlünzen Junior e Elisa Tomoe Moriya Schlünzen. A equipe teve a participação de dois alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, Ivan Shirahama Loureiro de Lima e Cynara Soares Fruteiro, responsáveis pela parte gráfica do *software*. Colaboraram ainda Luciano Kiwamen, Marisa Amaral e Daniela Santos, do curso de licenciatura em Matemática, e Guilherme Pinheiro, de Ciência da Computação.

Julio Zanella



Colégio: formação de técnicos de bom nível

ENSINO MÉDIO

Colégio de Bauru destaca-se no Enem

CTI registra melhor desempenho entre escolas do município

O Colégio Técnico Industrial (CTI) Professor Isaac Portal Roldan, em Bauru, mantido e administrado pela UNESP, registrou o melhor desempenho do município no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), edição 2005. A nota 66,63, obtida por Marcela Lima Pedro, 17 anos, ex-aluna do CTI, é superior às médias nacional e estadual, considerando apenas alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas. A média nacional é 41,84 e a estadual é 42,47.

Para o diretor do CTI, Edson Alberto de Antonio, a conquista de Marcela não é um mero acaso. O colégio tem laboratórios bem equipados, salas de aula e biblioteca, um corpo docente qualificado e bons estudantes. "Nosso objetivo é formar técnicos de bom nível", diz. O CTI, com cerca de 600 alunos, forma anualmente em torno de 160. Neste ano, segundo o diretor, cerca de 10% deles foram aprovados no vestibular da UNESP.

O Enem mede o conhecimento e as habilidades dos jovens que estão concluindo ou que já terminaram o ensino médio. A participação no exame é opcional, mas, como o resultado é utilizado pelo ProUni (Programa Universidade para Todos) para a distribuição de bolsas de estudos universitárias, além de ser aproveitado pelos principais vestibulares, a adesão ao Enem aumenta a cada ano.

Conheça o CTI: www.cti.feb.unesp.br

AGRONOMIA

Estudo avalia opções de produção de mamona

Trabalho que compara sistemas de São Paulo, Mato Grosso e Bahia ganhou menção honrosa na USP

Aluno do 5º ano de Agronomia na Faculdade de Ciências Agrômicas (FCA), *campus* de Botucatu, Alexandre Bochichio Kurosaki recebeu Menção Honrosa no Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, realizado no final de 2005. Ele apresentou o estudo "Análise da rentabilidade da mamona sob condições de risco, em três sistemas de produção".

A planta, muito cotada para a produção de biodiesel, já é bastante utilizada nas indústrias químicas e farmacêuticas. Os sistemas estudados são característicos dos Estados de São Paulo, Mato Grosso e Bahia. As regiões foram escolhidas pela tradição na produção de mamona ou por apresentarem expansão de área de cultivo. O trabalho foi orientado pelos docentes Maura Seiko Tsutsui Esperancini, Maurício Dutra Zanotto e José Geraldo Carvalho do Amaral, do Departamento de Gestão e Tecnologia Agroindustrial.

As análises apontaram que o sistema de São Paulo é mais rentável, embora apresente maior risco e elevado custo de produção. No Estado, a planta é cultivada no verão. Os produtores utilizam sementes melhoradas, costumam preparar o solo e realizam plantio e colheita mecanizados.

Já o sistema de Mato Grosso tem a característica de safrinha, com baixo custo de cultivo e baixo risco. Nesse Estado, a pesquisa constatou um cultivo de inverno, em rotação com a soja. Os produtores usam sementes melhoradas e realizam a plantação com má-



Plantação de mamona: dados para auxiliar agricultor a tomar decisões

quinas. O controle químico, quando necessário, é feito com herbicida e inseticida.

Na Bahia, a produção envolve agricultura familiar, em consórcio com feijão do tipo caupi. São empregadas sementes não melhoradas, com preparo de solo mecanizado e operações manuais de plantio, capina, pulverização e colheita. Quando necessário, utiliza-se o controle químico com inseticida e beneficiamento terceirizado. "O resultado obtido no estudo é uma ferramenta que pode auxiliar o produtor na tomada de decisões", afirma Kurosaki.

Hong Tsi Pan, Bolsista UNESP/Universia/FCA/Botucatu





Pensar a UNESP em contexto ampliado

JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

O sistema universitário brasileiro, preocupação constante de todos aqueles que têm a devida consciência cidadã no Brasil, aparece com mais intensidade quando aflora algum acontecimento grave. No mês de março, veio à tona a lamentável e sentida crise da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a PUC-SP. Endividada com bancos em quantias bastante elevadas e com a perspectiva de aumento progressivo de seu déficit, a respeitável instituição universitária resolveu, como medida imediata, cortar de sua folha de pagamentos 30% de gastos referentes a docentes e servidores técnico-administrativos. Somos profundamente sensíveis ao fato porque, indubitavelmente, a PUC-SP é a universidade não pública de maior contribuição intelectual e profissional que conhecemos. Aprendemos a admirar essa instituição, pelo seu bom nível de ensino e pesquisa e também por ter desempenhado papel relevante durante a ditadura militar, abrigando a SBPC em momento de impasse e recebendo, no mesmo período, vários docentes cassados da USP, entre eles os saudosos e caríssimos sociólogos Florestan Fernandes e Octávio Ianni. Por isso, embora seja compreensível o desespero, principalmente de alunos que buscam culpados individuais, devem ser levados em conta os 60 anos de existência digna dessa universidade. Nossa solidariedade é ato cidadão. Sem discutir as formas de manutenção e recuperação da PUC, cuja crise é, na base, desdobramento de causas econômico-financeiras, permitimo-nos lembrar alguns componentes da estrutura

atual do ensino superior público e privado, locus onde se deve inserir a compreensão do fenômeno a que assistimos e que tende a se multiplicar, se abandonado à própria sorte.

O quadro mais amplo que atinge a PUC-SP é o do crescimento brutal e indiscriminado do ensino superior privado. De uns anos a esta parte e em progressão virulenta, assiste-se a uma desenfreada concorrência capitalista entre as universidades particulares. O jogo é financeiro e o darwinismo prevale-

ce. Qualidade e seriedade científicas ficam em último e insignificante plano, salvo raras exceções.

Não se pode sublimar esse contexto ao pensarmos a UNESP enquanto parte do ensino superior público que defendemos. A problemática acima nos atinge de frente quando sabemos que as pressões por aumento de vagas universitárias públicas são exigência de uma sociedade carente e complexa e que acredita no diploma universitário como solução para todos os seus males. O governo, em

todos os seus níveis, procura dar uma resposta a essas pressões. No plano federal, pretende-se a criação de 125.000 novas vagas, estando previstas quatro novas universidades (no ABC paulista, Mato Grosso do Sul, Recôncavo baiano e Rio Grande do Sul), acrescidas de criações de 36 campi em universidades federais já existentes e transformação de faculdades em universidades (cf. *Pesquisa Fapesp*, nº 120, fevereiro de 2006, p. 30 e 31, fonte também das informações a seguir). No Estado de São Paulo, igualmente, discute-se a ampliação de vagas públicas. É proposta do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp) estabelecer um modelo de desenvolvimento para o ensino superior paulista nos próximos 15 anos. Coordenados pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, 150 especialistas divididos em cinco grupos elaboraram o Plano Diretor do Ensino Superior Público em São Paulo. Constam do projeto: ampliação, formas de acesso, desafios orçamentários, inovação e natureza das instituições.

A necessidade efetivamente existe. A iniciativa estatal é louvável. Ficamos a indagar-nos, entretanto, sobre a vontade política e a disponibilidade orçamentária, bem como a compatibilidade entre quantidade e qualidade. É preocupante a competição dos diplomas fáceis que afeta o ensino sério, como se está vendo no caso da PUC. E vale a pena, também, uma reflexão sobre o destino profissional dos cidadãos com diplomas universitários em nosso País.



Cerâmica, Patrick Caulfield

EVENTOS DE ABRIL/MAIO



Programação dos 30 anos

Abril

6/04 – São Paulo. Ciclo de debates “Universidade e Lei de Inovação: um olhar para o futuro”. No Anfiteatro da Reitoria.

Das 8h30 às 12 h. Participação de Fernando José Perez (PRD BioTech), Roberto de Alencar Lotufo (Inova-Unicamp) e Celeste Emerik (Setor de Patentes da Fiocruz/RJ). Informações: prope@unesp.br

11/04 – Ilha Solteira. Café Comemorativo com Talentos da casa – Música.

11 a 13/04 – Ilha Solteira. Exposição com Talentos da Casa.

FE/Ilha Solteira. Comemoração conjunta com o aniversário da Faculdade de Engenharia.

26/04 – FMVZ, FMB, FCA e IB/Botucatu. Solenidade na Casa da Arte; exposição de fotos históricas na Biblioteca e apresentação do Coral da UNESP.

Maio

1º/05 – Ilha Solteira. Torneio Esportivo.

7 a 9/05 – IQ/Araraquara. IV Evento de Educação em Química.

10 a 12/05 – Assis. IV Encontro de Educação do Oeste Paulista. Tema: Aula: O direito e o avesso. Local: Salão de Atos, FCL/Assis. Responsável: Prof. Alonso Bezerra de Carvalho. Informações e inscrições no site www.fundepe.com/encontro ou nos e-mails alonsobc@assis.unesp.br ou educacao@assis.unesp.br

Junho

Junho – Ilha Solteira. Grupo de Teatro.

21/06 – IQ/Araraquara. Comemoração: 30 anos da UNESP, 45 anos do Curso de Química e Dia do Químico (18/06).

Agosto

15/08 – São Paulo. Ciclo de debates “Conhecimento e Desenvolvimento Econômico e Social”. No Anfiteatro da Reitoria. Das 8h30 às 12 h. Participação de Ronald Martin Dauscha (Siemens), João Furtado (USP/BNDS), Tullo Vigevani (FFC/Marília/UNESP). Informações: prope@unesp.br

Setembro

25 a 29/09 – IQ/Araraquara. XXXVI Semana da Química.

Novembro

Tupã. Celebração durante a Amostra de Ensino, Pesquisa e Extensão.

19 a 22/11 – FCL/Assis. I Fórum de Biotecnologia do Vale do Paranapanema.

3/04 – Franca. I Doori – Jornalismo Internacional “Mídia e Globalização” – Promoção Drbe (Empresa Júnior de Relações Internacionais). Maiores informações: orbe_unesp@yahoo.com.br ou (16) 3711-1926. Inscrições a partir de 23/04 na Drbe – sala 219 – palestrante convidado Dr. Marcos Troyjo.

3 a 5/04 – Assis. Minicurso Realta e prospettive dell'ecoturismo. Horário: 17h30 às 19h30. Local: Mini Anfiteatro de História. Definição, realta e prospettive dell'ecoturismo. L'esempio Italia. As inscrições poderão ser feitas na sala do Cilbelc de 28 a 31 de março. Responsáveis: Patricia Peterie (UNESP), Catia Berlini de Andrade (UNESP), Andrea Santurbano (Cilbelc). Responsável: Equipe do Cilbelc. Informações: cilbelc@terra.com.br link: <http://www.assis.unesp.br/cilbelc/index2.htm>

3 e 10/04 – São Paulo. Curso Assessoria de Imprensa para o mercado editorial. Docente: Katia Saisi. Das 18 h às 21 h. Na sede da Universidade do Livro, à Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações e inscrições: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

4 a 6/04 – Franca. IV Simpósio sobre Dúctil Agrária – Promoção Natra (Núcleo Agrário Terra e Raiz). Maiores informações natra@grupos.com.br ou (16) 3711-1923. Inscrições de 22/03 a 4/04 na sala 03 – andar térreo.

4, 11, 18 e 25/04 a 02/05 – Assis. Curso: Alimente-se bem com R\$ 1,00 Curso de nutrição e técnicas dietéticas. Responsável: Roseli José Francisco. Local: Restaurante Universitário. Horário: 15h30 às 17h30. Informações: restaurante@assis.unesp.br

5/04 – São Paulo. Curso O desafio das pequenas editoras. Docentes: Alberto Parahyba Quartim de Moraes, Eliana Sá e Wander Soares. Das 19 h às 22 h. Na sede da Universidade do Livro, à Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações e inscrições: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

5 a 7/04 – Ribeirão Preto. III Congresso Nacional de Serviço Social em Saúde. Tema: “Paradigmas e caminhos do serviço social na atenção à saúde”. Organização: USP, UNESP e Unicamp. No Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Informações: www.oxfordeventos.com.br/conasss

6 a 8/04 – Jaboticabal. Confinamento: gestão técnica e econômica. Coordenação: Rivaldo Andrade Reis. No Centro de Convenções “Dr. Ivaldo Melitto”. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br, www.funep.fcav.unesp.br/eventos

7/04 – São Paulo. Palestra Quintessência Cosmológica: dos gregos ao século XXI, de José Ademir S. de Lima (IAG/USP). Projeto Física ao Entardecer. Às 18h30. No Auditório do Instituto de Física Teórica. Rua Pamplona, 145. Informações: (11) 3177-9028 ou www.ift.unesp.br

7/04 – Divulgação do resultado das eleições para representantes e respectivos suplentes junto aos Órgãos Colegiados Superiores da UNESP. Informações: secgeral@reitoria.unesp.br

12/04 – São Paulo. Curso A edição de arte e o desenho gráfico de livros infantis. Docente: Marcelo Araújo. Das 18 h às 21 h. Na sede da Universidade do Livro, à Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações e inscrições: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

12/04 – Araraquara. Encerramento das inscrições para o Curso da Universidade de Alcalá de Henares (Madrid – Espanha) “Trabalho educativo: experiências práticas de orientação”. 30 horas letivas. 30 vagas. Informações: Josefa ou Sandra das 9 h às 11 h e das 11h30 às 16h30, (16) 3301-6225 ou 3301-6225, ramal 6398. No Centro de Pesquisas da Infância e da Adolescência “Dante Moreira Leite”, Unidade Auxiliar da FCL.

6 a 9/06 – Marília. I Simpósio Internacional em Educação e Filosofia. Informações: sape@marilia.unesp.br ou <http://www.marilia.unesp.br/eventos/2006/simposio/index.php?Meio=apresentacao.php>

17/04 – Marília. Término de prazo de submissão de trabalhos para o I Simpósio Internacional em Educação e Filosofia, a ser realizado de 6 a 9 de junho. Informações: sape@marilia.unesp.br ou <http://www.marilia.unesp.br/eventos/2006/simposio/index.php?Meio=apresentacao.php>

17, 18 e 19/04 – São Paulo. Curso D editor e suas funções: projetos e perfis editoriais. Docente: Miriam Goldfeder. Das 18 h às 21 h. Na sede da Universidade do Livro, à Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações e inscrições: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

22/04 – São Paulo. Encerramento das inscrições para o Prêmio ANA, da Agência Nacional de Águas. Categorias: Gestão de Recursos Hídricos, Uso Racional de Recursos Hídricos e Água para a Vida. Informações: www.ana.gov.br/premio, (61) 2109-5412 ou premioana@ana.gov.br

23 e 24/04 – Jaboticabal. Curso perspectivas do tratamento domissanitário: como manter uma empresa no mercado. No Centro de Convenções “Dr. Ivaldo Melitto”. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br, www.funep.fcav.unesp.br/eventos

25, 26 e 27/04. Curso A edição de livros didáticos. Docente: Wilma Silveira Rosa de Moura. Das 18 h às 21 h. Na sede da Universidade do Livro, à Praça da Sé, 108 (Centro – São Paulo). Informações e inscrições: www.editoraunesp.com.br, (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br

28/04 – Franca. I Jornada de Estudos da Ejur – Promoção Ejur (Empresa Júnior de Assessoria Jurídica). Maiores informações: ejurunesp@yahoo.com.br ou (16) 3711-1913

27/04 – Assis. Palestra – “Biotécnicas da produção embrionária”, como o Dr. Marcelo F. G. Nogueira, da FMVZ de Botucatu. Local: Anfiteatro Antônio Merisse. Horário: 14 h. Promoção: Conselho do Curso de Biotecnologia. Informações: Departamento de Ciências Biológicas, tel. (18) 3302-5848

Simpósios do Cretáceo e do Terciário

Entre 2 e 6 de abril, o Rádio Hotel, em Serra Negra, SP, é a sede do 7º Simpósio do Cretáceo do Brasil e do 1º Simpósio do Terciário do Brasil. “Trata-se do mais importante evento tratando da área do País. São discutidos assuntos, avanços e problemas relativos a esses importantes períodos geológicos, aos quais pertencem as principais jazidas petrolíferas brasileiras”, informa José Alexandre J. Perinotto, integrante do Comitê Organizador do evento e docente do Departamento de Geologia Aplicada do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, campus de Rio Claro. Os simpósios têm o apoio e o patrocínio da Petrobrás, Funep/Jaboticabal e do PRH-05 (Convênio Agência Nacional do Petróleo/IGCE). Recebe ainda apoio da Fundunesp e da SBG (Sociedade Brasileira de Geologia). “O evento já é uma tradição no calendário geocientífico brasileiro e da América do Sul”, aponta Perinotto. Informações: www.rc.unesp.br/igce/simpcret/simpcretaceo.html

27 a 29/04 – São Paulo. 11º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 2º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP, com o tema Lusofonia: Memória e Diversidade Cultural. Informações: (11) 3862-7640, 3801-4555, 3670-8528, das 12 h às 18 h, ippucsp@pucsp.br ou www.ippucsp.hpg.com.br

28 a 30/04 – Jaboticabal. Curso de Imersão Desenvolvimento Pessoal. Programador: Silvio Fieno. No Hotel Estância Santa Amélia. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br, www.funep.fcav.unesp.br/eventos

Maio e Junho – Jaboticabal. Curso Geoprocessamento da Informação. Coordenador: Antonio Sergio Ferraud. No Laboratório Didático da FCA. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br, www.funep.fcav.unesp.br/eventos

Maio e Junho – Jaboticabal. Curso Análise Exploratória de Dados (Estatística Multivariada). Coordenador: Antonio Sergio Ferraud. No Laboratório Didático da FCA. Informações: (16) 3209-1300, eventos@funep.fcav.unesp.br, www.funep.fcav.unesp.br/eventos

3/05 – São José dos Campos. Exame de seleção (prova teórica, análise do currículo e entrevista) para o Curso de Especialização em Prótese Dentária – Aexafo. Coordenação: Renato S. Nishioka. Carga horária: 792 horas durante dois anos. Informações: recruz@hotmail.com

3 a 5/05 – Assis. II Ciclo Internacional Estudos Antigos e Medievais. D evento vai reunir pesquisadores, a nível nacional e internacional, para a apresentação e discussão de pesquisas na área de História Antiga e Medieval. Promoção: Departamento de História da FCL/Assis. Responsável: Ruy de Oliveira Andrade Filho. Informações: neam.assis@gmail.com

5 e 6/05 – Bauru. 1º Encontro de Percepção e Paisagem da Cidade. Na Faac. Informações: (14) 3103-6059 e www.faac.unesp.br

10 a 12/05 – Campos do Jordão. VII Encontro de Contabilistas da UNESP. Tema: “Contabilidade: Ética, Transparência e Responsabilidade Social”. No Duarte Saisons Residence. Informações: ariane@feg.unesp.br, (12) 3123-2805, sanlima@reitoria.unesp.br

10 a 12/05 – Assis. IV Encontro de Educação do Deste Paulista. Tema: “Aula: O direito e o avesso”. Local: Salão de Atos, FCL/Assis. Responsável: Prof. Alonso Bezerra de Carvalho. Informações: alonsobc@assis.unesp.br

11 e 12/05 – Franca. I Semana do Negro – Promoção Nupe (Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão). Maiores informações: nupefranca@yahoo.com.br ou (16) 3711-1931

11/05 – São Paulo. Palestra O maldito como suplicado: de Charles Baudelaire a Tristan Corbière, de Marcos Siscar, professor de Teoria da Literatura no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice) da UNESP, campus de São José do Rio Preto. Às 19h30. No evento “Os malditos”. No Auditório da Biblioteca Mário de Andrade. Rua da Consolação, Centro. Informações: (11) 3256-5270, ramal 206, www.secrel.com.br/poesia/cw.html ou kbocchi@prefeitura.sp.gov.br

12/05 – São Paulo. Palestra Ciência em Tirinhas, de Francisco Caruso (IF/UERJ). Projeto Física ao Entardecer. Às 18h30. No Auditório do Instituto de Física Teórica. Rua Pamplona, 145. Informações: (11) 3177-9028 ou www.ift.unesp.br

12/05 – Encerramento das inscrições para os Prêmios José Reis e Érico Vannucci, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). D objetivo é valorizar a divulgação científica e estudos desenvolvidos sobre a cultura brasileira. A premiação ocorre em julho, durante a 58ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Florianópolis, SC. Informações: <http://portal.iphan.gov.br/porta/montarDetalheConteudo.do?id=13034&sigla=Noticia>



SERTÃO EXPOSTO

Projeto Terra, criado pelo baiano Juraci Dórea, ganhou projeção internacional ao exibir esculturas e pinturas que dialogam com a cultura nordestina

A instalação de grandes esculturas em couro e madeira nos descampados e nas encruzilhadas do sertão do Estado da Bahia foi a atividade que deu notoriedade mundial ao artista plástico Juraci Dórea. Intitulada Projeto Terra, essa saga, formada por aproximadamente 40 esculturas, realizadas a partir de 1981, foi o tema da dissertação de mestrado de Katia Maria Bastos.

Apresentada no Instituto de Artes (IA), campus da UNESP de São Paulo, a pesquisa *Diálogo poético de formas sertanejas: um estudo perceptual da obra escultórica de Juraci Dórea no âmbito do Projeto Terra* mostra como a atividade plástica do artista contempla a possibilidade de transformar o sertão baiano num imenso museu ao ar livre. "Ele produz uma arte sem referências urbanas e a insere no próprio ambiente que a inspirou", comenta Katia.

Orientada por Claudete Ribeiro, docente do IA, a pesquisa enfatiza que Dórea escolhe o local de suas esculturas motivado por fortes referências da cultura sertaneja, que o artista conhece muito bem. (Leia quadro.)

As quatro primeiras cidades que receberam esculturas do Projeto Terra foram Feira de Santana, ligada ao ciclo do couro; Canudos e Monte Santo, vinculadas ao messianismo de Antonio Conselheiro, numa região de clima árido, chão pedregoso e gravetos retorcidos; e Raso da Catarina, estação ecológica próxima da cidade mística de Santa Brígida, local das aventuras de Lampião e seu bando.

Circuito paralelo

Fora do roteiro das galerias dos centros urbanos, Dórea constrói sua obra em pleno sertão baiano. "Quando as esculturas são instaladas em povoados ou vilas, ocorrem manifestações festivas e lúdicas, incluindo, eventualmente, a participação de tocadores de pífaros e sanfoneiros", conta Katia.

Os trabalhos do Projeto Terra são efêmeros. Eles não saem do sertão, onde são destruídos pela ação do tempo. O que viaja pelo mundo são documentos dessas obras, realizados fotograficamente. Tais

registros podem ser vistos em museus, páginas de revistas especializadas, catálogos, livros e postais. "Dórea aproxima-se da arte ecológica (*earth* ou *land art*) e da *arte povera*, pois emprega materiais pobres e busca uma identificação cultural e paisagística com a região", salienta Katia. "O trabalho é caracterizado pelo uso de materiais simples, em contraste com uma sociedade consumista, baseada no desperdício, no trabalho e no lazer mecânicos."

As obras de Dórea, segundo a pesquisadora, promovem vários tipos de diálogo. Há, por exemplo, o elo do artista com a região que inspirou seu trabalho, por meio do uso de materiais comuns no cotidiano do sertanejo, como o couro e a madeira. "Existe ainda a possibilidade de interação entre o artista e o público, quando as pessoas espontaneamente se aproximam dele", comenta Katia.

Pinturas e esculturas

Dórea utiliza dois recursos plásticos em seu projeto: esculturas e pinturas. As primeiras são realizadas geralmente com três peles inteiras e uns seis caibros (pedaços de madeira usados em telhados, sobre os quais se pregam as ripas para, a seguir, serem assentadas as telhas) de cerca de 3 metros de altura. "Elas se posicionam na vertical ou diagonal, em um exercício ao gosto do artista e de acordo com o tipo de solo em que são instaladas", esclarece a pesquisadora.

As pinturas são realizadas na forma de quadros. São exibidas em feiras regionais ou em murais, projetados em residências de moradores locais. Dórea emprega técnica mista, com carvão, breu e tinta preparada com pigmentos terrosos, que são aplicados sobre tela comum ou sobre o couro. "A principal manifestação dessa vertente foi o *Mural da Casa de Edwirges*, próximo ao povoado do Saco Fundo, Monte Santo, feito em 1984", assinala Katia.

Um ponto importante do trabalho, de acordo com a pesquisadora do IA, é sua proposta artística sempre aberta a surpresas. "Pode haver a apropriação da obra por sertanejos, a participação espontânea do público na montagem da



Escultura feita de madeira e couro, com proposta próxima da arte ecológica e da arte povera

escultura e, ainda, o diálogo com críticos de arte, sociólogos e antropólogos que se interessam por pesquisar a obra do artista", acentua.

Opiniões da comunidade

Além de entrevistar o próprio Dórea, Katia acompanhou a instalação de uma escultura no município baiano de Valente e conversou com 84 pessoas que participaram da montagem do trabalho, para saber a reação delas perante o perfil da obra. As perguntas básicas eram: "O que você está vendo?", "O que você sente?", "Parece com quê?"; e "Tente imaginar".

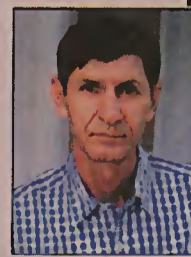
Os depoimentos foram os mais variados possíveis, desde indagações sobre a utilidade da escultura até as possíveis interpretações simbólicas. "A apropriação artística de referências imediatas do mundo do sertanejo – o couro e a madeira – gera uma transformação na recepção, caracterizada pelo estranhamento", diz a pesquisadora. "Ao atingir uma extrema simplificação dos elementos formais da escultura, o trabalho de Dórea revela um profundo e amplo entendimento da vida sertaneja e de suas necessidades."

Oscar D'Ambrosio



A gênese do Projeto Terra

Formado em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia, Juraci Dórea nasceu em 15 de outubro de 1944, próximo à maior feira livre da Bahia, em Feira de Santana, tradicional centro agropecuário conhecido como Princesa do Sertão. Fez a sua primeira exposição, em 1962, na Biblioteca Municipal dessa cidade, com figuras de vaqueiros da região em pinturas a óleo. No final da década, concluiu o ensino médio, em Salvador.



Dórea e uma de suas pinturas: exposições nas Bienais de Veneza e São Paulo

Em 1974, começou a usar o couro como suporte de sua obra pictórica, desenhando cantadores, cangaceiros, dragões, bichos e outros personagens e mitos sertanejos. Em 1981, o trabalho com couro ganhou estruturas de madeira e se tornou tridimensional. Era o início do Projeto Terra.

A proposta de Dórea acabou por adquirir uma projeção internacional, com participações na VII Exposição de Belas Artes no Japão (1985); XIX Bienal Internacional de São Paulo (1987); 43ª Bienal de Veneza (1988) e 3ª Bienal de Havana (1989). Expôs, ainda, em projetos comemorativos do centenário de Canudos, em 1997. O artista é presença freqüente em júris de salões e concursos de artes plásticas, especialmente os promovidos pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

(OD)